



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

LILIANA MARIA DA SILVA

**UMA ANÁLISE DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO DO 6^o ANO
DO ENSINO FUNDAMENTAL**

CAJAZEIRAS – PB

2018

LILIANA MARIA DA SILVA

**UMA ANÁLISE DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO DO 6^o ANO
DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura
em Letras/Língua Portuguesa, do
Centro de Formação de Professores da
Universidade Federal de Campina
Grande – *Campus* de Cajazeiras - como
requisito de avaliação para obtenção
do título de licenciado em Letras.**

**Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Nazareth
de Lima Arrais**

CAJAZEIRAS - PB

2018

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras – Paraíba

S586u Silva, Liliana Maria da.
Uma análise da variação lingüística no livro didático do 6º ano do ensino fundamental / Liliana Maria da Silva. - Cajazeiras, 2018.
55f.: il.
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Nazareth de Lima Arrais.
Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) UFCG/CFP, 2018.

1. Sociolinguística variacionista. 2. Variação lingüística. 3. Livro didático. 4. Língua portuguesa - ensino. I. Lima Arrais, Maria Nazareth de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

LILIANA MARIA DA SILVA

**UMA ANÁLISE DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO DO 6º ANO
DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada ao Curso de
Letras – Licenciatura em Língua
Portuguesa da Unidade Acadêmica de
Letras do Centro de Formação de
Professores da Universidade Federal de
Campina Grande.

Aprovado em: 04/03/2018

BANCA EXAMINADORA

Maria Nazareth de Lima Arrais

Prof.ª Dr.ª Maria Nazareth de Lima Arrais
(UAL/CFP/UFCG - Orientadora)

Adriana Sidralle Rolim de Moura

Prof.ª Dr.ª Adriana Sidralle Rolim Moura
(UAL/CFP/UFCG – Examinador 1)

Maria Adriana Leite Alves

Prof.ª Ms. Maria Adriana Leite Alves
(Examinador 2)

A Deus, fonte de todo amor; a minha mãe, Francisca das Chagas da Silva, pela compreensão e paciência. Com ela encontrei a força necessária para superar todos os obstáculos para que este trabalho tornasse realidade

AGRADECIMENTOS

A Deus, por permitir que mais uma etapa se conclua em minha vida, pois é por meio Dele que estou concretizando mais um sonho.

À professora orientadora Dr.^a Maria Nazareth de Lima Arrais, pelo carinho, delicadeza, competência e disponibilidade em auxiliar neste percurso. A gratidão que tenho por você é imensa.

Ao meu pai, João Nonato da Silva (*in memoriam*) que, mesmo não estando presente entre nós, está dentro do meu coração. Ele sempre desejou me ver trilhando caminhos da educação e estou conseguindo tudo o que um dia sonhamos juntos.

À minha mãe, Francisca das Chagas da Silva, amiga de todas as horas, pela paciência e palavras de incentivo, por cumprir tão bem o papel de pai e mãe.

À Maria Lindinalva da Silva, minha irmã que, de longe, acompanhou meus passos e me deu apoio em todas as decisões.

A José Dantas da Silva, meu companheiro, amigo e amor, pelo estímulo, cumplicidade e força durante este trajeto.

Aos mestres da Unidade Acadêmica de Letras que, com empenho e responsabilidade, muito contribuíram para a minha qualidade profissional.

Aos coordenadores e secretários do curso de Licenciatura em Letras (Língua Portuguesa), pela dedicação e bom atendimento aos discentes.

A todos os acadêmicos com quem tive o prazer de estudar, especialmente a Matheus Dantas, Patrícia Dantas e Josefa Martins por serem os melhores amigos que conquistei, por estarem sempre presentes, pela felicidade diante de minhas vitórias como se fossem suas, pelas longas conversas. Com vocês, tudo é mais alegre!

Agradeço a todos que fizeram parte de minha história acadêmica e me ajudaram direta ou indiretamente na realização deste sonho.

Obrigada por tudo!

“Tudo é válido na língua, desde que se logre comunicar-se.”

(Machado de Assis)

RESUMO

A língua por ser social é múltipla, diversificada, heterogênea e não deve ser qualificada como morta, portanto deve ser refletida e estudada. O objetivo desta pesquisa é analisar como o livro didático do 6^o ano do Ensino Fundamental *Português Linguagens*, dos autores William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, trata o tema variação linguística. Para a concretização da pesquisa, debatemos conceitos relevantes no que respeita à variação linguística, escolhemos o LD de Língua Portuguesa como o *corpus* de análise da pesquisa, descrevemos e interpretamos o tratamento dado pelo Livro Didático à variação linguística. Esta pesquisa está pautada nos ideais da sociolinguística variacionista de William Labov ([1972] 2008) e de outros estudiosos que corroboram com a temática, além dos PCN de Língua Portuguesa. Dessa forma, as variações linguísticas partem da interação dos sujeitos na sociedade e tem caráter coletivo, cheio de significados sociais e culturais. Sob esse viés, a pesquisa é documental, de natureza descritiva e quantitativa. A pesquisa constatou que o LD analisado trata do tema da variação linguística em apenas um capítulo dentre doze que o compõe, o que corresponde a 8,3%. A análise nos possibilitou notar que a norma padrão prevalece durante a prática frequente de ensino. Nesse sentido, o aprendiz é induzido a tomar gosto somente pelo uso das regras e possivelmente descartando palavras que não se encaixam nessa norma.

Palavras-chave: Sociolinguística Variacionista. Variação Linguística. Livro Didático.

ABSTRACT

The language for being social is multiple, diverse, heterogeneous and should not be qualified as dead, so it must be reflected and studied. The objective of this research is to analyze how the textbook of the 6th grade of Basic Education, *Português Linguagens*, by the authors William Roberto Cereja and Thereza Cochar Magalhães, deals with the theme of linguistic variation. In order to carry out the research, we discuss relevant concepts regarding linguistic variation, we chose the Portuguese Language Textbook as the *corpus* of research analysis, we describe and interpret the treatment given by the Textbook to linguistic variation. This research is based on the ideals of the variationist sociolinguistics of William Labov ([1972] 2008) and of other researchers who corroborate with the theme, besides the Portuguese NCPs. In this way, linguistic variations start from the interaction of subjects in society and have a collective character, full of social and cultural meanings. In view of this, the research is documentary, of a descriptive and quantitative nature. The research found that the Textbook analyzed deals with the theme of linguistic variation in only one chapter among the twelve that compose it, which corresponds to 8.3%. The analysis enabled us to note that the standard norm prevails during the frequent practice of teaching. In this sense, the learner is induced to have pleasure only by the use of rules and possibly discarding words that do not fit this norm.

Keywords: Sociolinguistic Variation. Linguistic Variation. Textbook.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	-	Universo da pesquisa.....	29
Figura 2	-	Atividade 1: As Variedades Linguísticas.....	35
Figura 3	-	Norma padrão e variedades de prestígio.....	37
Figura 4	-	Variação linguística e preconceito social.....	38
Figura 5	-	Atividade 2: Tipos de variação linguística.....	40
Figura 6	-	Oralidade e escrita.....	42
Figura 7	-	Formalidade e informalidade.....	43
Figura 8	-	Atividade 3: Comunicação visual.....	45
Figura 9	-	Cartaz do Filme Cine Holliúdy.....	46
Figura 10	-	Atividade 4: As variedades linguísticas na construção do texto....	48
Figura 11	-	Questões da Atividade 4.....	49
Gráfico 1	-	Percentual de variação linguística presente nos capítulos do LD.	34
Quadro 1	-	Dados gerais do <i>corpus</i>	30
Quadro 2	-	Estrutura do LD.....	32
Tabela 1	-	Fatores externos presentes na Variação Linguística.....	25
Tabela 2	-	Quantidade de capítulos que trabalham a Variação Linguística...	34

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CFP	Centro de Formação de Professores
CNLD	Comissão Nacional do Livro Didático
INL	Instituto Nacional do Livro
LD	Livro Didático
MEC	Ministério da Educação
UAL	Unidade Acadêmica de Letras
UFMG	Universidade Federal de Campina Grande
PNLA	Programa Nacional do Livro Didático para Alfabetização de Jovens e Adultos
PNLEM	Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio
PNLD	Programa Nacional do Livro Didático
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
SI	Sociolinguística Interacionista
SV	Sociolinguística Variacionista
UCLA	Universidade de Califórnia em Los Angeles

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 UMA ABORDAGEM SOBRE O LIVRO DIDÁTICO	16
2.1 BREVE HISTÓRICO DO LD	16
2.2 LD COMO OBJETO DE ENSINO.....	17
3 SOCIOLINGUÍSTICA: DISCUTINDO A VARIAÇÃO	20
3.1 SOCIOLINGUÍSTICA: VARIACIONISTA X INTERACIONISTA	20
3.2 HETEROGENEIDADE LINGUÍSTICA.....	23
3.3 VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA	24
3.4 OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS E A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA.....	27
4 METODOLOGIA	30
5 ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO	31
5.1 CARACTERIZAÇÃO DO <i>CORPUS</i>	31
5.2 COMO O LD ABORDA A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA.....	36
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS	54

1 INTRODUÇÃO

Os livros didáticos são instrumentos importantes no âmbito escolar, uma vez que são utilizados para servir de auxílio durante a prática educativa. No entanto, alguns problemas podem estar relacionados ao uso do livro didático, pois há, na maioria das vezes, a concepção de que essa ferramenta é capaz de suprir todos os problemas voltados à prática educativa.

É necessário entender que somente o LD não vai conseguir transmitir tudo o que o alunado precisa, mas a escola e os professores enquanto mediadores devem perceber que ele, às vezes, trata de alguns assuntos de forma superficial, por isso é importante revisá-lo, analisá-lo e selecionar os livros que possam auxiliar durante todo o período letivo.

A escola como local de ensino, pode utilizar outros mecanismos como artigos publicados em revistas ou sites seguros que viabilizem o processo de aprendizagem dos educandos, pois a maioria dos livros não dá conta de tudo o que pode ser explorado em determinado assunto. Ele tem a tarefa de guiar o educador.

O LD é importante e não pode ser descartado do meio escolar, mas é insuficiente trabalhar somente com ele. Os professores podem buscar outras fontes que ajudem na explicação de assuntos essenciais para a vida pessoal e profissional dos alunos.

O trabalho com variações linguísticas na rede de ensino é um assunto esquecido, pois a maioria dos livros didáticos priorizam as regras da gramática normativa, dando ênfase à norma padrão. Isso resulta da valorização do “correto”, ou seja, a maneira de falar diferente de uma pessoa passa a ser vista como “errada”.

Segundo Bagno (2009), para a língua existir, é necessário que haja indivíduos que a falem. A língua por ser social é múltipla, diversificada, heterogênea e não deve ser qualificada como morta, portanto deve ser refletida e estudada. Dessa forma, as variações linguísticas partem da interação dos sujeitos na sociedade e tem caráter coletivo, cheio de significados sociais e culturais.

Nessa direção, considerando a variação linguística como um fenômeno que não deve ser desconsiderado nos estudos da língua, e o LD como instrumento primeiro do professor, qual o tratamento dado por este material à variação linguística? Nesse sentido, supomos que o livro a ser analisado já apresenta,

mesmo que discretamente, um estudo sobre a variação, ponderando que existe um amplo estudo em defesa dessa realidade nas escolas de Educação Básica.

Na intenção de solucionar a problemática referida, nossa pesquisa tem como objetivo geral analisar o tratamento dado pelo LD à variação linguística. E como objetivos específicos: debater conceitos relevantes no que respeita à variação linguística, a fim de construir a base teórica a partir da qual será fundamentada a análise do *corpus*; escolher o LD de Língua Portuguesa como o *corpus* de análise da pesquisa, descrever e interpretar o tratamento dado pelo LD à variação linguística.

Esta é uma pesquisa documental, descritiva e quanti-qualitativa. Para Gil (2008), uma pesquisa documental se baseia em materiais que até então não tiveram um cuidado minucioso ou podem ser refeitos a partir da pesquisa. Já a pesquisa quanti-qualitativa está interessada tanto em quantificar dados quanto em compreendê-los.

O universo de pesquisa é a coleção composta por quatro livros Português Linguagens de William Cereja & Thereza Cochar, avaliados e aprovados pelo MEC. Dentre esse universo, selecionamos como *corpus* da pesquisa o livro do 6^o ano do ensino fundamental. O livro foi escolhido pelo fato de ser utilizado atualmente pela maior parte dos educandos dos estabelecimentos públicos de ensino. Essa escolha se deu por se tratar de uma série inicial do ensino fundamental II e, quando o aluno usuário já deve compreender que, na língua, há variações.

Esta pesquisa se justifica pela necessidade de refletir e analisar uma ferramenta que conduz o ensino de Língua Portuguesa, especificamente no caso dessa proposta, a construção de conhecimentos sobre as variações linguísticas presentes nos eventos linguísticos. Ao lado disso, pesquisar sobre esta temática é importante para a prática de ensino e enriquecimento pessoal e profissional, pois, na maioria das vezes, essa prática é mal sucedida e afeta os educandos de forma negativa.

Este trabalho é composto por cinco capítulos agrupados conforme as temáticas que estão envolvidas na pesquisa. No primeiro capítulo, encontramos a introdução que apresenta a temática da variação linguística, o questionamento da pesquisa, as hipóteses, os objetivos, os apontamentos da metodologia, a relevância da pesquisa e a estrutura do trabalho.

O segundo capítulo discorre sobre o LD como instrumento essencial na sala de aula. Expomos, nesse capítulo, o olhar de vários autores no que se refere aos aspectos históricos e como esse mecanismo é utilizado no cotidiano da sala de aula.

O terceiro capítulo trata da sociolinguística variacionista e interacionista. Discorreremos sobre como essas duas vertentes são conceituadas para alguns estudiosos. Assim, expomos conceitos voltados à variação linguística e sobre o tratamento dado pelos PCN à essa temática.

No quarto capítulo deste trabalho é exposta a metodologia, bem como a apresentação do universo de pesquisa, a caracterização do *corpus* a ser analisado, o tipo de pesquisa a ser trabalhada, os critérios e categorias selecionados para a concretização do estudo.

No quinto capítulo, ocorre a análise do LD referente à variação linguística. Essa análise apoia-se em teorias sobre a variação linguística e busca interpretar o tratamento oferecido ao assunto em questão. Para tanto, observamos e refletimos a respeito da temática.

Por fim, temos as considerações finais, onde elencamos os resultados da pesquisa, seguidas das referências.

2 UMA ABORDAGEM SOBRE O LIVRO DIDÁTICO

2.1 BREVE HISTÓRICO DO LD

O LD como instrumento norteador de ensino engloba a cultura de muitas gerações e, apesar dos avanços tecnológicos vivenciados ao longo dos anos, ele continua presente no âmbito escolar. Por ser considerado como mediador no processo de aprendizagem, o livro é tido como solução para determinados problemas. É um mecanismo cultural heterogêneo que está presente na sociedade. Antigamente, os livros não circulavam todas as esferas da educação, eram pouco presentes no espaço estudantil.

De acordo com Freitas (2007), o percurso do LD nas escolas teve maior desenvolvimento no ano de 1929, com a elaboração do Instituto Nacional do Livro (INL). Diante disso, muitos avanços ocorreram para a estabilidade do programa de entrega de livros a alunos de escolas públicas no Brasil, o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD).

Da mesma posição, Frazão (2014) compartilha, quando informa que, no Brasil, os primeiros ideais sobre o LD surgiram em 1929, com a elaboração do INL. Esse órgão visava legalizar o LD e ajudar em sua elaboração, porém o programa se modificou com o passar dos anos.

Freitag et al. (1989) afirma que em 1938 foi instaurada a Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD), com a finalidade de domínio político e ideológico na formação e movimentação do LD no país. Anos depois, essa legislação é vigorada, possibilitando aos mediadores de ensino autonomia para selecionar as obras a serem trabalhadas. Porém, os professores nem sempre tiveram liberdade de escolher os manuais que ofereceriam suporte durante a prática de ensino. Bittencourt (1993) afirma que, durante o século XIX, a produção dos livros didáticos era feita de forma cuidadosa, voltada aos interesses do Estado.

Em 1985, mediante o decreto nº 91.542, o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) é instaurado com o propósito de disponibilizar livros didáticos aos estudantes integrantes de educandário público. O programa trouxe transformações significativas na avaliação e seleção dos livros, entre elas a reutilização do livro por diferentes educandos. Tal decreto apresentou várias mudanças, bem como a presença dos professores durante a análise e designação de títulos que poderiam

ser adotados. O PNLD tem como essência o ensino fundamental público e a alfabetização infantil. Segundo as metas do programa, cada aluno pode receber um exemplar de cada disciplina ofertada pela escola.

Ao observarmos o histórico do PNLD, percebemos que o procedimento de avaliação dos livros didáticos está se aprimorando até os dias atuais. No presente, o PNLD tem a tarefa de selecionar livros a serem avaliados, determinando critérios para a escolha da ferramenta.

O governo também dispõe de duas entidades relacionadas ao LD como o Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio (PNLEM) elaborado em 2004 e o Programa Nacional do Livro Didático para Alfabetização de Jovens e Adultos (PNLA) produzido em 2007. Esses programas englobam escolas de redes federais, estaduais e municipais de ensino.

O livro é uma ferramenta de ensino que repassa informações, o mesmo está sujeito a mudanças em sua forma e conteúdo, pois é produto cultural e é utilizado há muitos anos. Atualmente, os livros representam a principal fonte de apoio usado em sala de aula, tornando mecanismo básico e contínuo para alunos e professores.

Depois desse breve relato a respeito do LD no Brasil, em seguida apresentaremos o LD como ferramenta de ensino utilizado pelas instituições e como a escola deve trabalhar com esse material didático de maneira satisfatória, seguindo algumas ideias de autores que tratam do assunto em questão.

2.2 LD COMO OBJETO DE ENSINO

Os livros didáticos são utilizados frequentemente nas escolas e, na maioria das vezes, é visto como um facilitador do trabalho do professor, tornando-se o principal suporte para o processo de aprendizagem. Apesar da existência de vários livros, eles não são os únicos instrumentos que podem ser utilizados no ensino. Vale lembrar que, além deles, é preciso que o professor como mediador busque outros suportes pedagógicos para o progresso de suas aulas.

Para Albuquerque (2002), foi através do PNLD que os livros didáticos tiveram mais importância para o MEC e, isso resultou no desejo de alguns pesquisadores em examinar o objetivo do programa e ao longo dos anos aprimorarem os conteúdos presentes neles.

Apesar de o LD ser bem elaborado, em determinadas situações é preciso adequá-lo de forma harmoniosa. O professor deve estar atento a esse momento para que possa planejar melhor suas aulas. Todavia, essa ferramenta é substancial na prática docente, não descartando a possibilidade de busca por outros recursos educativos. Ele não deve ser observado como um suporte capaz de solucionar problemas com respostas prontas, em que o aprendiz apenas reproduz o que está exposto.

Geraldi (1996) explica que a produção do LD colaborou muito com o trabalho do educador, no entanto, acabou o deixando mais dependente do material. Cujo papel é de contribuir com o ensino, expondo conteúdos conforme o currículo escolar, organizado em capítulos.

A seleção do LD exige cautela, pois livros apropriados colaboram para uma educação qualificada voltada ao enriquecimento pessoal e profissional dos envolvidos. Percebemos que novas fontes de apoio para as escolas estão surgindo frequentemente, e isso facilita o ensino quando usado de modo propício à prática social e cultural no qual o aluno está inserido.

Para Lajolo (1996), durante a escolha e uso do LD em sala de aula, é importante preparar os assuntos ofertados pela ferramenta de maneira que haja, uma conexão entre o livro e o pensamento dos aprendizes. É por meio do conhecimento de mundo e informações abordadas pelos livros que a educação avança.

O LD exercerá seu papel conforme o modelo de escola que está inserido, se a instituição ofertar um espaço fechado, onde se preocupa apenas em repassar os conhecimentos básicos para a formação do indivíduo, logo ele será utilizado somente como manual de orientações. Mas se o ambiente escolar for um local propício à participação e envolvimento de todos os membros, o livro pode ser tratado como recurso capaz de promover a reflexão dos estudantes sobre assuntos necessários para a vida pessoal e estudantil.

O professor é, portanto, representante crucial durante o processo educacional, pois ele pode elaborar métodos de trabalho para dar dinâmica a aula e o aluno pode participar ativamente como protagonista de seu caminho escolar. Assim, o LD é uma ferramenta que quando usada corretamente gera criatividade e aprendizagem do alunado.

Conforme Freitas (2007), durante as etapas de ensino, o LD exerce função importante na mediação de conhecimentos fundamentais à construção do sujeito. Conforme o pensamento do autor, esse instrumento de ensino é necessário para os alunos, pois a maioria não tem acesso a outras fontes auxiliares disponíveis durante o percurso escolar. O autor destaca a relevância e contribuição do livro para o ensino:

O livro didático é um dos mais fortes e influentes recursos encontrados nas escolas brasileiras. Cabe a ele um papel bastante relevante: o de apresentar às crianças o mundo da escrita e sua forma peculiar de construir conhecimentos que são socialmente reconhecidos, legitimados, valorizados. E é essa legitimação social que faz com que seja o livro, ainda que em realidades culturais materialmente desenvolvidas, a âncora das práticas pedagógicas. (FREITAS, 2007, p. 89)

Diante da grande atuação, a utilização do livro em sala de aula é frequente e na maioria das vezes ele se torna o determinante da etapa de ensino e seu uso inadequado torna as aulas monótonas, sem interesse e prazer entre alunos e professores. Nesse sentido, é preciso cuidado e atenção ao uso correto desse material didático, análise crítica sobre os assuntos expostos e busca por outros recursos como forma de enriquecimento e aprimoramento dos conhecimentos.

A construção do conhecimento precisa ser fundamentada na compreensão e não na memorização de assuntos essenciais para o âmbito escolar. Durante a prática de ensino-aprendizagem o educando pode se tornar formador de opinião e cidadão capaz de se sentir ativo. Cabe ao professor estimular seu alunado e utilizar de maneira adequada o material de apoio ofertado.

No próximo capítulo, trataremos a respeito da sociolinguística variacionista e sociolinguística interacionista, heterogeneidade linguística, mudanças na língua e a visão dos PCN sobre variação linguística.

3 SOCIOLINGUÍSTICA: DISCUTINDO A VARIAÇÃO

3.1 SOCIOLINGUÍSTICA: VARIACIONISTA X INTERACIONISTA

Língua e sociedade estão vinculadas, e esta ligação é perceptível, pois desde o nascimento, o ser humano está rodeado de signos linguísticos e passa por etapas de aprendizagem com o propósito de comunicar-se com a sociedade na qual está inserido. Portanto, a língua possibilita a interação entre indivíduo e sociedade. A sociolinguística estuda a língua em seu âmbito social e cultural, em circunstâncias concretas empregadas na comunidade linguística.

Alkmin (2001) destaca que o termo Sociolinguística, referente a uma área da Linguística, estabilizou-se em 1964. Surgiu em um congresso, elaborado por William Bright, na Universidade de Califórnia em Los Angeles (UCLA), e vários estudiosos que participaram desse congresso, posteriormente, dedicaram-se aos estudos direcionados para a questão da associação envolvendo linguagem e sociedade: John Gumperz, Einar Haugen, William Labov, Dell Hymes, John Fisher, José Pedro Rona.

A pesquisa baseia-se na língua falada, observada, analisada e descrita em seu âmbito social, ligada a sociedade. Seu objeto de estudo é relacionado à observação de como a língua atua em cada contexto de fala, enfatizando os fatores que motivam a mudança linguística. A sociolinguística é interdisciplinar por dialogar com a Antropologia, Dialetoлогия, Sociologia da linguagem, Geolinguística, a Pragmática.

A sociolinguística nasce marcada por uma origem interdisciplinar. É oportuno assinalar o estabelecimento da Sociolinguística em 1964, é precedido pela atuação de vários pesquisadores que buscavam articular a linguagem com aspectos de ordem social e cultural. (ALKMIM, 2001, p. 29-30).

A Sociolinguística Variacionista (SV) apoia-se em fundamentos teóricos que possibilitam a visibilidade implícita nas relações sociais cotidianas. Visa explicar de que maneira uma variante se agrega a língua e dela se desprende. De acordo com Coelho (2010) a teoria da variação surgiu especialmente a partir dos estudos de William Labov. Percebendo a variação linguística como um início comum e universal

das línguas, sujeita a descrição e avaliação, a sociolinguística presente que toda variação é causada por fatores internos e externos ao sistema linguístico.

De acordo com Labov ([1972] 2008), o propósito da SV é de que a língua apresenta a heterogeneidade como ponto específico e não depende do acaso, mas de fatores linguísticos e extralinguísticos. Não podemos desconsiderar que os aspectos sociais e históricos foram contribuintes essenciais para a participação da sociolinguística quanto aos estudos linguísticos. Dessa forma, é a comunidade de fala que desperta o olhar do pesquisador e não o indivíduo isolado. A SV estuda a transformação da língua inserida no âmbito social da comunidade de fala, vale ressaltar que a língua é produto da sociedade e, portanto, apresenta estrutura heterogênea.

Ainda de acordo com Labov ([1972] 2008), uma sociedade de fala não deve ser entendida como membros que utilizam os mesmos aspectos, é mais viável nomeá-la como grupo que partilha as mesmas regras no que diz respeito à língua. Seguindo a linha de pensamento do autor, o fator que indica a comunidade de fala é as práticas similares diante dos fatos linguísticos. O padrão de análise linguística sugerido por Labov é também conhecido por alguns de “sociolinguística quantitativa”, por atuar com quantidade e manutenção estatística dos dados adquiridos .

Um aspecto considerado hipotético nos esboços da composição e da mudança linguística para Labov ([1972] 2008) é a visão de língua como instituição homogênea sendo, portanto, a variação analisada casual e irrelevante para a teoria linguística. Essa ideia, segundo o autor, precisaria ser abdicada, adentrando em cena a opinião de heterogeneidade distribuída: ainda na sincronia, a língua não constituiria um sistema homogêneo de regras, como Saussure visava, mas um empenho em que ocorre a distinção ordenada de formas incluídas em uma comunidade de fala, dependendo de aspectos internos e externos ao conjunto linguístico.

Para Labov ([1972] 2008), a linguística lidava com dificuldades, a língua era vinculada ao indivíduo. Isso se constata, conforme o autor, sobretudo na teoria dos neogramáticos, no século XIX, e na dos gerativistas, no século XX. Uma vez que a língua era vista com caráter homogêneo. Foi, portanto, Labov que mais intensamente, persistiu na ligação entre língua e meio social e na probabilidade, imagística e real de organizar a variação existente na língua falada.

A Sociolinguística Interacionista (SI) foi elaborada por volta de 1980, pelo pesquisador John Joseph Gumperz. O foco dos estudos sociolinguísticos interacionais era a utilização da língua na comunicação social, destacando o contexto sociocultural dos indivíduos, ou seja, o falante é importante para a análise linguística. Nas pesquisas de Gumperz, as interações linguístico-sociais, as análises e interpretações praticadas pelos interlocutores são analisadas através do sociointeracionismo. Nesse sentido, a SI é uma modalidade que explana o discurso e explora nossa capacidade de interpretar. Bortoni-Ricardo (2014) destaca que a SI não fragmenta a língua de seu âmbito social, seu olhar é voltado para o desempenho da conversação que está relacionada ao domínio sociolinguístico. Nessa direção,

[...] a sociolinguística interacional rejeita a separação entre língua e contexto social e focaliza diretamente as estratégias que governam o uso lexical, gramatical, sociolinguístico e aquele decorrente de outros conhecimentos, na produção e contextualização das mensagens (BORTONI – RICARDO, 2014, p. 146).

Significa dizer que a SI é constituída de elementos que estabelecem a interação e não pode existir ruptura entre língua e contexto social, pois o indivíduo consegue interagir por meio da linguagem e nesse caso, sujeito e contexto situacional são analisados durante a interação.

Além disso, considera o conhecimento prévio que cada sujeito leva em si, o qual exerce função respeitável no desenvolvimento interpretativo. Partindo dessa premissa, percebemos que, quando as pessoas não dividem os mesmos conhecimentos prévios ou culturais, podem acontecer distintas interpretações e deduções.

Acerca da demonstração sistemática da SI, Ribeiro e Garcez (2002, p.8) explanam que ela se depara “[...] ancorada na pesquisa qualitativa empírica e interpretativa [...]”. Efetivamente, a SI nasce como um questionamento de apoio fenomenal e compreensivo expondo um “[...] arcabouço teórico interdisciplinar e uma metodologia bastante refinada para a descrição dos fenômenos da interação humana [...]” (BORTONI-RICARDO, 2003, p.231).

Depois de explanarmos sobre a SV e SI, veremos adiante conceitos acerca da heterogeneidade linguística, sob o olhar de pesquisadores que tratam do assunto com clareza.

3.2 HETEROGENEIDADE LINGUÍSTICA

As transformações linguísticas surgem da heterogeneidade da língua. Portanto, nem toda variação linguística sugere mudança, mas toda modificação implica uma variação linguística. Muitas diversidades descobertas são exclusivamente variantes, distintivas da fala de certo grupo. Segundo propõe Tarallo (2000), há várias formas de falar a mesma coisa com o mesmo sentido. A língua não é um produto que pode ser falado da mesma maneira em vários lugares. Conforme Dias (1996, p.19),

[...] a escola ainda opta somente pela veiculação da língua cultivada pela tradição gramatical, cristalizando a variedade padrão como única correta e excluindo as demais como “formas incorretas”, “erros”, “desvios”. Em outras palavras, a escola considera a norma padrão-culta linguisticamente superior a todas as outras variedades.

Em contrapartida com a homogeneidade da língua imposta através da norma-padrão, para os sociolinguistas a língua apresenta caráter heterogêneo, instável, não é um produto pronto, acabado. É, portanto, intrinsecamente heterogênea e a escola acaba na maioria das vezes adotando a norma padrão regida por regras, ou seja, os alunos tomam conhecimento da língua como produto homogêneo. Apesar da norma-padrão não ser um recurso natural, e sim, fruto de práticas humanas conscientes, não podemos ignorar a sua existência.

Assim, o que temos nas sociedades complexas e letradas é uma realidade linguística composta de dois grandes polos: (1) a variação linguística, isto é, a língua em seu estado permanente de transformação, de fluidez, de instabilidade e (2) a norma-padrão, produto cultural, modelo artificial de língua criado justamente para tentar “neutralizar” os efeitos da variação, para servir para os comportamentos linguísticos considerados adequados, corretos e convenientes. (BAGNO, 2007, p. 38-39).

De acordo com Bagno (2007), temos uma zona mediadora presente entre a variação linguística e a norma padrão, onde ambas se influenciam e é pertinente toda averiguação sobre língua e sociedade. Pois tanto a variação quanto a norma padrão fazem parte da vida social do indivíduo.

As mudanças ocorridas na língua resultam de práticas coletivas dos falantes. Cada grupo de pessoas presentes na sociedade apresenta uma forma de expressar-se oralmente. As línguas são consideradas heterogêneas, pois estão sujeitas às mudanças e não são constituídas de um princípio individual, mas de grupos sociais.

Antunes (2009) menciona que a heterogeneidade da língua constitui uma conexão entre as pessoas e seus ascendentes. Ela se vincula com nossa história e cultura. Integra a natureza da linguagem e é resultado da diversidade de grupos sociais e da relação que tais grupos mantêm com as normas linguísticas.

No subtópico seguinte, veremos como alguns estudiosos analisam a variação e a mudança linguística, aprofundando pontos relevantes sobre o assunto e possibilitando o entendimento sobre a temática.

3.3 VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA

A língua efetivamente apresenta variações. “Porque toda língua, além de variar geograficamente no espaço, também muda com o tempo.” (BAGNO, 2000, p. 22). As variações linguísticas existentes em nossa realidade social nos permitem compreender a presença de uma multiplicidade de falares, resultados da dinâmica populacional e do contato com diferentes grupos étnicos e sociais.

A variação e a mudança linguística representam o estado natural das línguas. A variação linguística é natural que os indivíduos utilizem variação linguística no cotidiano, em virtude das comunicações humanas ocorrerem de maneira espontânea. Com o decorrer do tempo a língua pode ganhar e perder palavras, mas isso não a deixará pobre.

Conforme Faraco (2005), o fato de as línguas mudarem é incontestável, ao mesmo momento em que a mudança é consecutiva, é vagarosa. A mudança também é parcialmente aceitável, isto é, quando a mudança é desencadeada, ocorrem legitimidade e totalidade no procedimento, de tal forma que um item é alcançado em todos os seus acontecimentos.

Ainda, segundo Faraco (2005), existem desordens na visão da mudança linguística, conforme o norte teórico dos linguistas. A dificuldade para quem discute a língua como objeto livre é que, muitos ignoram que a língua possui falantes e que eles a utilizam de fato.

Bagno (2007) afirma que para realizar um trabalho de verificação detalhado sobre a variação linguística, os sociolinguistas escolhem um grupo de fatores sociais que são possíveis de auxiliar na assimilação dos fenômenos de variação linguística. Entre esses fatores sociais os que são mais pertinentes para os pesquisadores são:

Tabela 2 - Fatores externos presentes na Variação Linguística

Origem geográfica – a língua pode variar de um local para outro, à vista disso podemos averiguar os diversos falares existentes nas regiões, estados, etc.

Status socioeconômico – as pessoas com níveis sociais e rendas diferentes não falam da mesma forma.

Grau de escolarização – o acesso em grau mais elevado ou menos elevado à educação é um fator relevante no aspecto de emprego da língua entre os falantes.

Idade – os jovens não se expressam semelhantemente ao pai ou a mãe, nem os pais falam da mesma forma que as gerações passadas.

Sexo – pessoas do sexo masculino ou feminino usam os artifícios que a língua disponibiliza de forma diferenciada.

Mercado de trabalho – a ligação de um indivíduo com determinadas profissões reflete na sua atividade linguística.

Redes sociais – cada pessoa adota o comportamento equivalente às pessoas com quem convive nas redes sociais.

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

A variação sociolinguística costuma vir seguida, em textos qualificados, de uns atributos que merecem ser conhecidos. Bagno (2007) comenta que esses adjetivos são variação diatópica, diastrática, diamésica, diafásica e diacrônica. As variantes diatópicas são ligadas a divergências entre o jeito de falar voltado ao ambiente em que os sujeitos estão inseridos. A variação diastrática constitui-se das diversidades linguísticas segundo traços sociais, como por exemplo, faixa etária, nível de escolaridade, classe social, etc. A variação diamésica é perceptível na comparação entre língua falada e escrita. A variante diafásica está relacionada aos diversos estilos de língua, ou seja, se dá através da utilização da linguagem que o sujeito faz, se segue o nível formal ou opta pela informalidade, de acordo as ocorrências de manuseio da língua. Já a variação diacrônica pode ser percebida na

comparação entre etapas distintas de tempo em que uma língua sofreu mudança. As variedades linguísticas são rotuladas em: dialeto, socioleto, cronoletto e idioleto.

Diante dos elementos citados por Bagno (2007) entendemos que não há somente um modo de falar, segundo Bagno (2007, p.45), “[...] todo e qualquer indivíduo varia a sua maneira de falar, monitora mais ou menos seu comportamento verbal, independente de seu grau de instrução, classe social, faixa etária etc.”, tal comportamento é adquirido através do convívio social e diante das variadas interações.

Os fatores externos influenciam nos fatores internos da variação presentes no sistema linguístico. Para Bagno (2007), a variação se faz presente em todas as esferas da língua e podemos classificá-los em: fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico, lexical e estilístico pragmático.

Bagno (2007) também declara que as pesquisas linguísticas realizadas no Brasil apontam que o elemento de grande contribuição sobre a variação linguística é o nível de escolaridade que está relacionado ao status socioeconômico em nosso país. O acesso à escola de qualidade está limitado a pessoas com renda maior.

O ponto de partida da sociolinguística é o grupo linguístico, já que na sociedade predomina diversos tipos de falares e, deste modo o fenômeno das variações linguísticas, isso quer dizer que o que acentua ainda é que essas variações representam a ideia da não existência de língua uniforme, e portanto, a predominância da heterogeneidade, porque ela sempre permite um número até mesmo imenso de variedades.

A língua, conseqüentemente, expõe variáveis, instruídas por elementos internos e sociais. Em relação a esse último fator, Câmara Jr. explana quais são esses elementos da variação:

Ela [a língua] varia no espaço, criando no seu território o conceito dos dialetos regionais. Também varia na hierarquia social, estabelecendo o que hoje se chama os dialetos sociais [...]. Varia ainda, para um mesmo indivíduo, conforme a situação em que se acha [...]. (2001, p. 17)

Cabe aqui salientar que a variação linguística acontece devido a inúmeros fatores, e é motivada por meio da localidade do indivíduo, a situação financeira, o nível de escolaridade, a faixa etária e o sexo, entretanto, nenhuma variação pode ser considerada incorreta.

Na próxima seção veremos como a variação linguística é vista sob a perspectiva dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), documentos que dão suporte ao ensino e são relevantes durante o processo de educação nas instituições escolares.

3.4 OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS E A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Os PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais são diretrizes elaboradas pelo Governo Federal com a finalidade básica de nortear os professores através da regulamentação de alguns fatores essenciais relativos a cada disciplina. Os PCN servem como orientadores para educadores, coordenadores e diretores, que podem aperfeiçoá-los às particularidades locais.

Conforme os PCN de Língua Portuguesa (1998), a língua é substancial durante a atuação social eficaz do sujeito. Por isso, ao repassá-la, a escola tem o compromisso de assegurar a todo alunado o acesso aos conhecimentos linguísticos fundamentais para o exercício da cidadania, direito intransferível de todo cidadão. No tocante ao assunto, os PCN confirmam sobre o trabalho com a modalidade oral, a carência de seu uso como alicerce para a ampliação das outras modalidades comunicativas e, conseqüentemente expansão das possibilidades discursivas do estudante.

Santos (2005) assegura que muitos educadores ignoram as linhas que orientam os PCN, acontecimento que possibilita a má interpretação do mesmo. Devido à falta de conhecimento dos pressupostos teóricos que conduzem essas linhas, muitos profissionais da educação podem chegar a conclusões impulsivas das opiniões inclusas nos PCN.

No que diz respeito à Variação Linguística, conforme os PCN, esta deve ser prestigiada no contexto escolar, o docente precisa respeitar as variedades linguísticas existentes na sociedade, mas isso não atrapalha o ensino da norma padrão aos alunos, já que a função da instituição de ensino é desenvolver cidadãos críticos aptos a viver em uma sociedade, tendo conhecimento que há várias maneiras de pronunciar a mesma palavra e que uma ocasião comunicativa demanda uma dessas variedades.

Sabemos que o aluno por integrar a sociedade, precisa situar-se nas esferas de comunicações sociais, crendo na função essencial que tem a linguagem na composição dos métodos de interlocução que a pessoa experimenta, dos quais o educandário tem o papel de desenvolver. Nesse ponto de vista, o domínio da língua é visto como uma das circunstâncias para a atuação do sujeito na sociedade.

O domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Assim um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos. (BRASIL, 1997, p. 21).

Dessa forma, o documento deposita na escola o dever de, ao decorrer do ensino fundamental, fazer com que os alunos consigam interpretar textos distintos que rodeiam a sociedade, e elaborar textos eficazes. Os PCN identificam que a atuação do estudante é essencial durante a construção de saberes e é importante a mediação do educador ao longo do percurso. Como descreve Geraldi (2002), é necessário saber utilizar a língua, comandar suas habilidades em ocorrências concretas de interação, ou seja, aumentar as maneiras interacionais por intermédio da linguagem.

Considerando os diferentes níveis de conhecimento prévio, cabe à escola promover a sua ampliação de forma que, progressivamente, durante os oito anos de ensino fundamental, cada aluno se torne capaz de interpretar diferentes textos que circulam socialmente, de assumir a palavra e, como cidadão, de produzir textos eficazes nas mais variadas situações (BRASIL, 1997, p. 21).

A formação do sujeito como cidadão capaz de se situar nas variadas instâncias de comunicação é recorrente de suas atividades exercidas durante o processo de aprendizagem e a escola é quem pode formar cidadãos aptos a construir textos adequados e saber interpretá-los a qualquer momento.

É válido acentuar a definição de variação linguística, que, está presente nos PCN:

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá independente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em “Língua Portuguesa” está se falando de uma unidade que os constitui de muitas variedades. Embora no Brasil haja relativa unidade linguística e apenas uma língua nacional, notam-se diferenças de pronúncia, de

emprego de palavras, de morfologia e de construções sintáticas, as quais não somente identificam os falantes de comunidades linguísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam em uma mesma comunidade de fala (BRASIL, 1998, p. 29).

Os PCN destacam que a escola necessita ter como finalidade educativa mais extensa a importância à diversidade linguística, sem menosprezar a maneira de falar do aluno, portanto, é fundamental combater o preconceito linguístico e proporcionar um ensino legitimamente mais democrático.

A questão não é falar certo ou errado, mas saber qual forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro às diferentes situações comunicativas. É saber coordenar satisfatoriamente o que falar e como fazê-lo, considerando a quem e por que se diz determinada coisa. É saber, portanto, quais variedades e registros da língua oral são pertinentes em função da interação comunicativa, do contexto e dos interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é de correção da forma, mas de sua adequação às circunstâncias de uso, ou seja, de utilização eficaz da linguagem: falar bem é falar adequadamente, é produzir o efeito pretendido. (BRASIL, 1997, p. 26).

Nesse fragmento do documento fica visível a carência de manifestação do educando em diversas situações comunicativas, pois é envolvendo-se com as interações sociais que ele compreenderá como se pronunciar nas diferentes instâncias de comunicação, adquirindo papéis sociais distintos, adaptando sua fala às situações de uso. Contudo, isso só será possível se sua forma de falar for respeitada e aceita. Diante disso, o que se recomenda é que na escola, mais precisamente na sala de aula, sejam desenvolvidas as circunstâncias de interação verbal, que percorrem as diferentes probabilidades de uso da língua.

Nessa perspectiva, percebemos que os PCN sugerem uma ruptura com a persistência no ensino de unidades isoladas como frases, palavras e sons, e dessa forma concordando com a visão de língua como interação social. Concordamos que para ser eficaz comunicativamente, não necessita apenas saber as regras peculiares da gramática, das diversas classes de palavras, a posição correta nas frases entre outras. Isso é necessário, porém não é satisfatório. Com o propósito de ser eficiente, o falante deve perceber quem é seu interlocutor e se a categoria oral ou escrita é mais sugerida em certas ocasiões e qual o registro mais adequado (o formal ou informal).

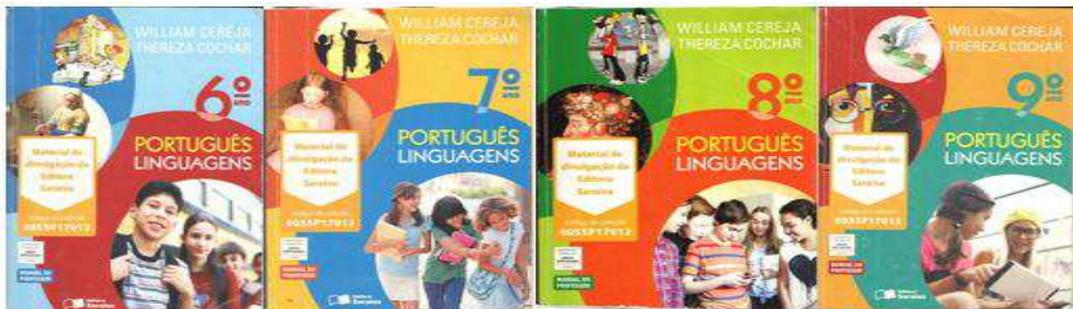
4 METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa documental. Para Gil (2008), uma pesquisa documental se baseia em materiais que até então não tiveram um cuidado minucioso ou podem ser refeitos a partir da pesquisa.

Esta também é uma pesquisa quanti-qualitativa, pois lida com a quantificação e explicação de dados. Desse modo, a finalidade é quantificar e esclarecer como é trabalhado a variação linguística no livro didático do 6^o ano do ensino fundamental.

O universo de pesquisa é uma coleção composta por quatro livros avaliados e aprovados pelo MEC: *Português Linguagens* do 6^o ao 9^o ano dos autores William Cereja e Thereza Cochar.

Figura 1 – Universo da Pesquisa



Fonte: Dados da Pesquisa, 2018.

Dentre esse universo, optamos como *corpus* para análise o livro didático do 6^o ano do Ensino Fundamental. Preferimos utilizar o manual do professor, pois o mesmo apresenta dados e propostas, que auxiliarão na prática da análise e conseguiremos verificar alguns traços que não estão visíveis nos livros dos alunos, porém estão expostos no manual do professor.

As categorias de análise que serão observadas são as variações linguísticas no LD de Língua Portuguesa do 6^o ano do ensino fundamental. Para realizar a análise, consideramos os seguintes critérios:

- O LD selecionado como *corpus* contempla a variação linguística?
- Como aparece a variação linguística no LD selecionado como *corpus*?

5 ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO

Este capítulo visa alcançar os seguintes objetivos: analisar o tratamento dado pelo LD à variação linguística e descrever e interpretar como esse material aborda a variação linguística.

A princípio, produziremos uma caracterização do *corpus* para, posteriormente, expormos como se exhibe o estudo sobre variação linguística presente no LD do 6º ano do Ensino Fundamental II.

Este capítulo consiste também na caracterização do *corpus* a ser analisado e como é trabalhado a variação linguística no LD. Para a concretização da pesquisa observamos as características presentes no material didático em seguida o analisamos.

5.1 CARACTERIZAÇÃO DO *CORPUS*

Para a realização da análise, usamos o livro *Português Linguagens*, do 6º ano, dos autores William Cereja e Thereza Cochar. Esta parte da análise segue o primeiro critério de análise: O LD selecionado como *corpus* contempla a variação linguística?

Como forma de melhor representar os dados gerais do *corpus*, observemos o Quadro 1.

Quadro 1- Dados gerais do *corpus*

Nome da coleção	Autores	Editora	Ano de publicação e edição	Formato
Português Linguagens	William Cereja Thereza Cochar	Saraiva	2015 (9ª edição)	Volume único

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

A introdução do livro se dá com uma básica exposição dos autores a respeito da importância do material destinado aos alunos. Eles apresentam o livro ao público destinado, os alunos. Posteriormente tem o sumário que exhibe a estrutura do livro

em quatro unidades compostas cada uma de três capítulos, o que totaliza doze capítulos. Os capítulos contidos no livro são introduzidos por imagens, e por meio de gêneros textuais que introduzem os assuntos que serão abordados no decorrer do capítulo. Os textos vêm acompanhados de imagens, despertando a imaginação do estudante. Geralmente, ao terminar o texto, vem um breve comentário sobre o autor do texto.

No final de cada texto, é exposto um glossário evidenciando algumas palavras e os significados. As unidades são organizadas em duas seções. Na primeira seção, os autores mostram os esboços de compreensão e de produção textual. Os tópicos: *Estudo do texto*, *A linguagem do texto* e *Produção de texto* estão entre as atividades existentes no livro.

A segunda seção é constituída de *A língua em foco*. Nesse item, os autores estabelecem uma reflexão analítica a respeito de concepções gramaticais baseados em circunstâncias reais de uso da língua. Há boxes explicando conceitos linguísticos e presença constante de tirinhas ao longo dos capítulos. Com relação ao tópico da escrita, os autores debatem sobre a ortografia, acentuação e pontuação e sugerem exercícios voltados ao assunto trabalhado.

Os autores ainda recomendam sites, filmes e livros que são relacionados com os textos vistos no capítulo, seguidos de atividade voltada ao que foi indicado e também oferecem opções de produção textual com base em gêneros textuais, estimulando a habilidade do aluno. Essa produção textual é direcionada a ser realizada em grupo.

Por último, os autores abordam no final de cada capítulo, um estudo ligado à semântica e ao discurso, onde apresentam gêneros textuais acompanhados de uma atividade. O material didático tem 272 (duzentas e setenta e duas) páginas, e o manual do professor consta com 320 (trezentas e vinte) páginas. Esta estrutura está evidenciada no quadro a seguir:

Quadro 2 - Estrutura do LD

UNIDADE 1	
CAPÍTULOS	SEÇÕES DOS CAPÍTULOS
CAPÍTULO 1 Era uma vez	Leitura 1 - As três penas, Jacob Grimm Estudo do texto Produção de texto O conto Maravilhoso A língua em foco Linguagem: Ação e Interação De olho na escrita Fonema e Letra Divirta-se
CAPÍTULO 2 Pato aqui, pato acolá	O patinho bonito, Marcelo Coelho Estudo do texto Produção de texto Conto A língua em foco As variedades linguísticas Norma padrão e variedades de prestígio Variação linguística e preconceito social Falar bem é falar adequadamente Tipos de variação linguística As variedades linguísticas na construção do texto Semântica e discurso Divirta-se
CAPÍTULO 3 Ó princesa! Jogue-me suas...	Cartum, Mordillo Produção de texto O conto maravilhoso: do oral para o escrito e do escrito para o oral Para escrever com expressividade A língua em foco Divirta-se
UNIDADE 2	
CAPÍTULO 1 O fazendeiro da cidade	Menino da cidade, Paulo Mendes Campos Estudo do texto Produção de texto - História em quadrinhos(I) A língua em foco Divirta-se
CAPÍTULO 2 Entre irmãos	A mala de Hana, Karen Levine Estudo do texto Produção de texto - História em quadrinhos(II) Para escrever com adequação A língua em foco De olho na escrita Divirta-se
CAPÍTULO 3 Ensaio de vida	Cabra-cega, Giovanni Battista Torriglia Produção de texto – História em quadrinhos (III) A língua em foco De olho na escrita Divirta-se

UNIDADE 3	
CAPÍTULO 1 No frescor da inocência	Banhos de mar, Clarice Lispector Estudo do texto Produção de texto – O relato pessoal A língua em foco Divirta-se
CAPÍTULO 2 O preço de pensar diferente	Eu sou Malala, MalalaYousafzai Estudo do texto Produção de texto – A carta pessoal O diário Para escrever com expressividade A língua em foco De olho na escrita Divirta-se
CAPÍTULO 3 O que existe em mim	Vestido de festa, NormamRockwell Produção de texto – Os gêneros digitais: e-mail, blog, twitter, comentário A língua em foco De olho na escrita Divirta-se
UNIDADE 4	
CAPÍTULO 1 Asas da liberdade?	Tuim criado no dedo, Rubem Braga Estudo do texto Produção de texto – O artigo de opinião A língua em foco De olho na escrita Divirta-se
CAPÍTULO 2 A natureza pede socorro	A longa lista dos condenados, revista Veja. Quais são os animais ameaçados de extinção no Brasil, revista época. Estudo dos textos Produção de texto – Artigo de opinião Para escrever com coerência e coesão A língua em foco Divirta-se
CAPÍTULO 3 Natureza no museu	Cartum, Márcio Costa Produção de texto – A exposição oral e o cartaz A língua em foco De olho na escrita Divirta-se

Fonte: Cereja, W. R. Magalhães, T. C. **Português: linguagens** – São Paulo: Saraiva, 2015.

A Tabela 1 demonstra em números o total de capítulos que exploram a variação linguística. Vejamos:

Tabela 3- Quantidade de capítulos que trabalham a variação linguística

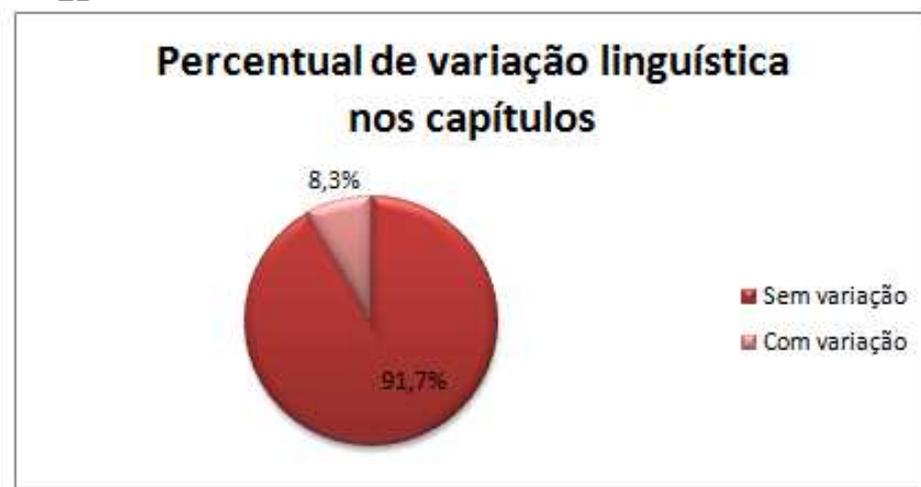
CAPÍTULOS	QUANTIDADE
SEM VARIAÇÃO	11
COM VARIAÇÃO	01
TOTAL	12

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Com base na tabela acima, observamos que do total de 12 capítulos presentes no LD, apenas 1 se dedica à variação linguística, o restante não explora e nem retoma o assunto.

Colocando esses dados em percentuais, temos o seguinte gráfico.

Gráfico 1 – Percentual de variação linguística presente nos capítulos do LD



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

No Gráfico 1, podemos notar que apenas 8,3% dos capítulos trabalham com a variação linguística, enquanto que 91,7% não exploram o tema, ou seja, a maior parte do LD esquece ou omite um assunto tão frequente no cotidiano da sociedade.

Já que nossa finalidade é ressaltar como é trabalhado no livro didático o tema variação linguística, fizemos listagens das tarefas que particularizam esse estudo. Salientamos que somente o Capítulo 2 (destacado no Quadro 2) intitulado *Pato aqui, pato acolá* – nas partes 1 e 2, trabalha a variação linguística. O destaque foi necessário para perceber a seção que trata da variação linguística.

5.2 COMO O LD ABORDA A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

A princípio enfatizamos que a análise aqui preparada é de cunho qualitativo, seguindo o segundo critério de análise: Como aparece a variação linguística no LD selecionado como *corpus*?

No segundo capítulo do LD que é exposto o tema variação linguística, exatamente na seção *A Língua em Foco*, os autores primeiramente exibem uma tirinha seguida de atividade ligada ao tema. Vejamos, na Figura 2 a seguir, o que os autores trabalham:

Figura 2 – Atividade 1: As variedades linguísticas

A língua em foco

AS VARIEDADES LINGUÍSTICAS

CONSTRUINDO O CONCEITO

Leia a tira abaixo, de Fernando Gonsales.



(Folha de S. Paulo, 3/8/2007)

1. O humor da tira é construído a partir das diferenças de uso da língua portuguesa. No 1º quadrinho, o papagaio fala algumas palavras que causam estranhamento à mulher.
 - a) Que palavras causam estranhamento à mulher? *Provavelmente todas as que o papagaio fala: "bicicreta", "cocrete", "cardeneta".*
 - b) Como provavelmente ela diria essas palavras? *bicicleta, croquete, caderneta*
2. Para que o leitor compreenda bem a tira, é necessário que ele tenha conhecimento sobre como os papagaios aprendem a falar. De que forma isso acontece?

O papagaio aprende a falar imitando as pessoas com as quais ele convive.
3. No 2º quadrinho, a mulher procura o comerciante para devolver o papagaio.
 - a) Qual é a provável relação entre o homem e o papagaio? *Ele deve ser o dono anterior do papagaio.*
 - b) A surpresa e a graça da tira estão na fala do comerciante. O que a fala dele revela?

*A fala do comerciante revela que o papagaio aprendeu a falar com ele, pois ele também emprega a língua de uma forma diferente da norma-padrão. Professor: Até que o aluno aprenda o conceito de *norma-padrão*, você poderá explicar que a forma empregada pelo comerciante é diferente da que está registrada no dicionário.*

Fonte: Cereja, W. R.; Magalhães, T. C. **Português: linguagens** – São Paulo: Saraiva, 2015, p. 39.

É perceptível que a atividade se relaciona com a tirinha apresentada. Na questão 1, os autores solicitam que os educandos reconheçam as palavras ditas pelo papagaio e que causam estranhamento na mulher ao ouvi-las. Em seguida, o aluno precisa responder como a mulher falaria essas palavras. Podemos perceber que os autores introduzem a tirinha com a fala do papagaio e a mulher falando que tudo que ele disse está errado. Observa-se que a mulher toma uma atitude preconceituosa, considerando como “errada” a fala do papagaio.

Logo adiante, na questão 2, é solicitado ao leitor que, para compreender a tira, é preciso ter conhecimento sobre a maneira como os papagaios desenvolvem a fala e de que forma isso ocorre. Na questão 3, é exposto o momento em que a mulher que comprou o papagaio o devolve. Na alternativa a), interroga o aluno sobre a relação existente entre o papagaio e o comerciante devido ao fato dele falar da mesma forma que o papagaio. Já na alternativa b), os autores enfatizam que a graça da tira está visível na fala do comerciante e questionam o aluno sobre o que essa fala revela. A respeito dessa atividade, percebemos que é introduzida primeiramente uma atividade sobre as variedades linguísticas sem a apresentação do tema. O manual do professor só proporciona orientações ligadas às respostas que estão manifestas nesta atividade e induzem o mediador a explicar que a fala empregada pelo comerciante é diferente da que está registrada no dicionário.

Baseadas na leitura da atividade que praticamos, percebemos que o LD introduz o tema variação linguística já com uma espécie de risos sobre a fala do papagaio por não seguir os princípios da norma-padrão estabelecida pelas escolas. À luz disso, Bagno (2007) diz que o método de normatização afasta a língua de sua existência social, complexa e dinâmica, para modificá-la num objeto externo aos falantes. Percebemos então que os autores já iniciaram o tema com a ideia de “certo” e “errado”, isso pode conduzir o educando a optar pela norma imposta pela gramática e desvalorizar falas como a do papagaio e do comerciante. São circunstâncias como a descrita acima que causam nos professores e alunos muitas vezes a indecisão: o indivíduo falou errado, como devo corrigi-lo?

Retratamos a seguir alguns conceitos destacados pelos autores sobre variedades linguísticas, norma-padrão e variedades de prestígio, variação linguística e preconceito social. Observemos as Figuras 3 e 4 a seguir:

Figura 3 – Norma padrão e variedades de prestígio

4. Os modos de uso da língua frequentemente geram preconceitos, isto é, podem levar as pessoas a ser julgadas positiva ou negativamente. Considerando a situação em que o papagaio aprendeu a falar, responda: Que outra razão pode ter levado a mulher a querer devolver o papagaio? *Ela pode estar querendo evitar que pensem que em sua casa se fala como o papagaio.*

CONCEITUANDO

O cartunista Fernando Gonsales, para criar humor, explorou em sua tira a diversidade linguística que existe no Brasil. Como nosso país é muito grande e desigual, com Estados grandes e pequenos, ricos e pobres, com gente vivendo no litoral, na floresta, nas grandes cidades, em povoados ou na roça, é natural que a língua portuguesa sofra variações, que constituem as **variedades linguísticas**.

Além das variações resultantes de localização geográfica, uma língua também pode apresentar variações decorrentes de outros fatores, como idade, profissão e grau de escolaridade. Por exemplo, uma pessoa mais velha do que nós ou que exerce uma determinada profissão pode usar a língua de uma forma diferente da nossa.

Variedades linguísticas são as variações que uma língua apresenta em razão das condições sociais, culturais e regionais nas quais é utilizada.

Norma-padrão e variedades de prestígio

A língua está sempre em mudança, em renovação. Palavras novas surgem a todo instante e formas antes valorizadas caem em desuso com o tempo. Com a Internet, até mesmo a forma de escrever as palavras tem se modificado.

Justamente para evitar que cada um use a língua à sua maneira, em todo o mundo existem especialistas que registram, estudam e sistematizam o que é a língua de um povo em certo momento, o que dá origem à **norma-padrão**, uma espécie de “lei” que orienta o uso social da língua. Essa norma-padrão é a que está registrada nos dicionários e nos livros de gramática.

É claro que a norma-padrão não existe como uma língua de fato, pois ninguém fala português em norma-padrão em todos os momentos da vida. Ela é um modelo, uma referência que orienta os usuários da língua a, sempre que precisam, usar o português de modo mais formal.

Há momentos descontraídos, em que ela não é necessária, mas há momentos em que ela é obrigatória, como quando fazemos uma entrevista para conseguir um emprego, quando apresentamos um trabalho escolar, participamos de um debate, escrevemos uma carta para uma autoridade pública, redigimos um requerimento, etc. Dada a importância da norma-padrão, a escola se propõe ensiná-la a todas as crianças e jovens do país, preparando-os para ingressar na vida social.

Quantas línguas existem?

Já existiram 10 mil línguas diferentes no mundo, número que com o passar dos anos foi diminuindo. Hoje, existem 6.700 línguas vivas e apenas 250 delas contam com mais de 1 milhão de falantes. Possivelmente existem outras línguas, faladas por habitantes de lugares inóspitos, ainda não descobertos. A divisão de línguas por continentes é a seguinte:

Ásia 2.165

África 2.010

Oceania 1.300

América 1.000

Europa 225

Estima-se que metade dessas línguas irá desaparecer até o ano de 2050, o que significa que uma língua irá se extinguir a cada cinco dias.

(Marcelo Duarte. *O guia dos curiosos – Língua portuguesa*. São Paulo: Panda, 2003. p. 24.)



Rita Barreto

Figura 4 – Variação linguística e preconceito social

As variedades do português que mais se aproximam da norma-padrão são prestigiadas socialmente. É o caso das variedades linguísticas urbanas, faladas nas grandes cidades por pessoas escolarizadas e de renda mais alta. Outras variedades, faladas em lugares distantes dos grandes centros, ou faladas por pessoas analfabetas ou de baixa escolaridade, ou por pessoas mais pobres, são menos prestigiadas e, por isso, frequentemente aqueles que as falam são vítimas de preconceito.

Acesso às variedades de prestígio: questão de cidadania!

Você já percebeu como algumas pessoas simples, sem instrução e sem facilidade para se expressar ficam tímidas diante de outras pessoas que falam com clareza e fluência?

Ter acesso às variedades linguísticas prestigiadas socialmente e saber se expressar por meio delas tem sido um privilégio de poucos, mas é um direito de todo cidadão. Conhecendo a norma-padrão e apropriando-se de variedades de prestígio social, o cidadão fica em pé de igualdade linguística com as outras pessoas e, assim, torna-se mais fácil ouvirem sua voz e respeitarem seus direitos.

Norma-padrão é uma referência, uma espécie de modelo ou de “lei” que normatiza o uso da língua, falada ou escrita.

Variedades urbanas de prestígio, também conhecidas como **norma culta**, são as variedades empregadas pelos falantes urbanos mais escolarizados e de renda mais alta.

Variação linguística e preconceito social

Você já deve ter ouvido alguém dizer que o português de uma cidade ou de um Estado é melhor do que o de outro lugar. Do ponto de vista linguístico, não existe uma variedade linguística melhor ou mais correta do que outra. Mesmo que uma variedade seja bastante diferente da norma-padrão, ela será boa se permitir aos seus falantes se comunicar e interagir entre si de modo eficiente.

Contudo, as variações da língua frequentemente são motivo de preconceito. Pessoas de baixa escolaridade, ou vindas do interior ou de regiões distantes dos grandes centros urbanos podem ser ridicularizadas ou inferiorizadas por falarem uma variedade diferente daquelas prestigiadas socialmente.

Na tira de Fernando Gonsales, a mulher devolve o papagaio porque não se identifica com a variedade linguística falada pela ave. Ou talvez para evitar que pensassem que ela ou a família dela tivessem sido o modelo para aquele modo de falar do papagaio.

Falar bem é falar adequadamente

Leia esta tira, de Adão Iturrusgarai:

(Folha de S. Paulo, 13/8/2005.)

Fonte: Cereja, W. R.; Magalhães, T. C. **Português: linguagens** – São Paulo: Saraiva, 2015, p. 41.

No início da Figura 3, temos a questão 4 da atividade 1 ainda sobre a tira do papagaio. Nessa questão, vemos a abordagem do preconceito que muitas vezes

ocorre devido ao fato da não aceitação de determinado fato. Então os autores direcionam o estudante a refletir sobre outro motivo que levou a mulher a devolver o papagaio, e a resposta esperada é que ela o entregou de volta para evitar que pensassem que em sua casa falavam igual ao papagaio. De certa forma, esse pensamento pode levar o aprendiz a priorizar somente a fala da mulher. Em seguida, vemos um boxe ao lado que informa sobre as diversas línguas existentes no mundo e com o passar do tempo essas línguas vão se extinguindo.

Ao lado disso, os autores descrevem sobre a diversidade existente em nosso país e das variações resultantes de localização geográfica, idade, profissão etc. Há um boxe conceituando o que são variedades linguísticas e, logo adiante, também dão o conceito de norma padrão e variedades de prestígio. Na Figura 4, é notável ver mais conceitos sobre variação e preconceito social e, bem no final da figura, há outra tirinha relacionada ao tema.

Podemos observar que os autores expõem conceitos, porém não é explorado o conhecimento prévio dos alunos sobre o tema. Não há espaço para o levantamento de questionamentos e conceitos, são expostos conceitos ao público e em seguida atividades voltadas ao assunto, que despertam risos do público sobre as falas de alguns personagens. A respeito disso Bagno (2007, p. 85) discorre que:

A tarefa de reconhecer a competência linguística e comunicativa dos alunos e das alunas e, ao mesmo tempo, de ampliar e expandir essa competência é uma tarefa delicada e sofisticada, muito mais exigente do que a prática tradicional de reprimir os “erros”, de zombar dos sotaques “engraçados” e de impor a ferro e fogo uma norma-padrão fossilizada, através da decoreba infrutífera e maçante da gramática normativa e da prática da análise sintática como fim em si mesma. Por isso, talvez essa tarefa assuste tantas pessoas.

Com base nos pensamentos de Bagno (2007), refletimos que os professores precisam manusear os materiais didáticos de forma crítica e não se espelhar somente no que está exposto. Assim como existem qualidades nesse instrumento, também há deficiências que só serão consertadas se o professor for além do que é abordado nessa ferramenta.

Notamos que, ao mencionar, o tema variação linguística e preconceito social na Figura 4, os autores não abriram possibilidades de os leitores buscarem visões de outros autores como Marcos Bagno, Bortoni-Ricardo, entre outros. Ao final da Figura 4, tem uma tirinha de Adão Iturrusgarai e, em seguida, uma atividade é

sugerida aos alunos. A tirinha demonstra a formalidade que se deve utilizar em um casamento, mas Zezo, a criança, não está vestida de acordo com a roupa de seus pais. Vejamos a atividade sobre a tirinha a seguir:

Figura 5 - Atividade 2: Tipos de variação linguística

1. Zezo e seus pais vão a um casamento, e o pai de Zezo reclama da roupa do filho.
 - a) Como Zezo está vestido no 1º quadrinho? Essa roupa é formal ou informal?
Zezo usa bermuda, camiseta, tênis e boné, que são roupas informais.
 - b) E os pais, como estão vestidos? Essa roupa é formal ou informal?
O pai de Zezo usa terno e gravata, e a mãe, vestido e sapato de salto alto, que são roupas formais.
- c) Como o pai de Zezo esperava que o filho se vestisse para ir à festa?
Provavelmente esperava que o filho vestisse uma roupa mais formal, ou seja, ao menos uma calça, uma camisa e um sapato.

2. O humor da tira concentra-se no último quadrinho. Zezo atendeu à expectativa dos pais? Por quê?
Não; ele apenas acrescentou uma gravata à roupa que estava usando. A combinação ficou pior, pois a gravata, que é própria de trajes formais, não é compatível com a informalidade das outras peças.

A tira cria humor a partir do conceito de adequação e inadequação das roupas. Com a língua não é diferente: variamos o emprego da língua de acordo com a situação.

Em situações mais formais, empregamos uma variedade linguística mais formal e próxima da norma-padrão. Em situações informais, empregamos igualmente uma variedade linguística informal, sem a rigidez das regras da norma-padrão.

Quando entramos na escola, já conhecemos e dominamos algumas variedades, como a falada na família, na rua ou no bairro. Porém, na escola, temos a oportunidade de nos apropriar de variedades linguísticas de prestígio, que poucas pessoas dominam e são indispensáveis para nossa vida social e profissional.

Enfim, todas as variedades linguísticas têm seu valor e sua importância. Mas saber usar bem uma língua significa saber empregar a variedade linguística mais adequada a cada situação.



Tipos de variação linguística

As variações de uma língua podem ocorrer por diferentes motivos. Conheça, a seguir, alguns deles.

Diferenças de lugar ou região

Diferenças geográficas têm relação com variações da língua. Por exemplo, algumas cidades do interior usam uma variedade linguística diferente da falada na capital; o português falado no Rio Grande do Sul é diferente do falado em Pernambuco ou no Pará; o português falado no Brasil é diferente do falado nos países africanos de língua portuguesa.

As diferenças podem ser de som (pronúncia), de vocabulário e até de construções frasais. Veja um exemplo na tira a seguir.

A língua portuguesa no mundo

A língua portuguesa tem presença significativa em quatro continentes. Além de ser falada no Brasil (América do Sul) e em Portugal (Europa), está presente em Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe (na África) e em Goa e Timor Leste (Ásia).

Se, dentro do Brasil, notamos variações linguísticas de uma região para outra, imagine de um continente para outro!

Fonte: Marcelo Duarte. *O guia dos curiosos – Língua portuguesa*. São Paulo: Panda, 2003. p. 58.



(Chico Bento, nº 424.)

Fonte: Cereja, W. R.; Magalhães, T. C. **Português: linguagens** – São Paulo: Saraiva, 2015, p. 42.

Primeiramente, na questão número 1, mais precisamente na alternativa a), os autores questionam sobre a roupa de Zezo, perguntando se segue a formalidade ou

informalidade. Na letra b), indagam sobre as roupas dos pais de Zezo se é formal ou informal também. Na alternativa c), perguntam como o pai de Zezo gostaria que o filho vestisse uma roupa para ir à festa. Já na questão 2, o aluno é levado a pensar como o pai de Zezo gostaria que ele fosse vestido ao casamento. Segundo os autores Cereja e Magalhães (2015), a tira fornece humor diante do conceito de adequação e inadequação das roupas. Posteriormente eles comentam que, em situações mais formais, utilizamos uma variedade linguística mais formal e, em ocasiões informais, empregamos alguma variedade linguística informal, sem o cumprimento de regras da norma-padrão. Os exercícios se relacionam com a teoria exposta, contudo, não há orientações condizentes com as respostas que estão perceptíveis na atividade, apenas conduz os educandos a responderem o que está sendo solicitado, ou seja, o aluno não é desafiado a desenvolver suas habilidades linguísticas.

Essa tirinha empregada pelos autores é pertinente e auxilia na compreensão dos alunos de que é a ocasião onde estamos que determina o que devemos usar, mas acreditamos que seria mais viável se ela fosse exposta no início da abordagem do tema. Isso facilitaria o entendimento dos leitores e evitaria que “zombassem” de pessoas que muitas vezes deixam de seguir as regras impostas pela norma padrão.

Observando a Figura 5, a respeito dos tipos de variação linguística, os autores explicam que essas variações ocorrem devido a diversos motivos e apresentam alguns deles como diferença de lugar ou região. E para ilustrar essas diferenças de lugar, os autores exemplificam com uma tirinha de Chico Bento. No primeiro quadrinho, vemos a fala de Chico Bento como é utilizada pela maioria dos indivíduos. Mas, no último quadrinho, um garoto fala “discurpa” no lugar de *desculpa*.

Para Bagno (2007), podemos destacar como um dos obstáculos frequentes que predominam nos livros didáticos é a capacidade de trabalharem a variação linguística como símbolo de variedades pertencentes exclusivamente a ambientes regionais, rurais ou de seres não escolarizados. Dessa forma pressupõe que apenas os falantes de zona urbana e escolarizados usam a língua corretamente, de acordo com o padrão. Por esse motivo, Bagno (2007) não acha apropriado trabalhar variação linguística com Chico Bento. O intuito dos autores é levarem o aluno a perceber que há diferenças de sons, pronúncias e construções nas frases, entretanto, em concordância com Bagno (2007), em vez de recorrer ao acervo de

expressões que modificam de uma região para outra e repetição de sotaques, a gente pode arriscar obter imagens ou gravações legítimas de falantes que simbolizam as variedades linguísticas do país para analisá-las em sala de aula. Os autores não sugerem outras possibilidades para trabalhar o tema ao mediador.

A seguir veremos mais exemplos de tipos de variação para os autores conforme as Figuras 6 e 7:

Figura 6 – Oralidade e escrita

Na tira, a fala de Chico Bento (1º quadrinho) está de acordo com a língua falada pela maior parte dos brasileiros, já que falantes de toda parte podem dizer “quiria” em vez de **queria** e “sê” em vez de **ser**. Porém, na fala do outro garoto (3º quadrinho), o emprego de “discurpa” em vez de **desculpa** mostra que ele é um falante do dialeto caipira, no qual frequentemente o **l** é trocado pelo **r**: “arto” (alto), “parmo” (palmo), “lençor” (lençol), etc.

Escolaridade e classe social

A variedade linguística que você observou na tira de Fernando Gonsales reproduzida na página 39 é um exemplo das variações ocasionadas pelo baixo grau de escolaridade: o emprego de “bicicreta”, “cocrete” e “cardeneta” é comum entre pessoas que frequentaram pouco ou não frequentaram a escola.

Diferenças históricas

Com o passar do tempo, uma língua sofre variações. Leia estes versos de uma cantiga de roda:

Chora, menina, chora
Chora porque não tem
Vintém.
Menina que está na roda
Parece uma toleirona,
Bobona.

(Domínio público.)

Nesses versos, há duas palavras que caíram em desuso: **vintém** e **toleirona**. **Vintém** é uma antiga moeda de pouco valor, e **toleirona** é pessoa tola, bobalhona.

O português na Ilha da Madeira

O brasileiro que vai à Ilha da Madeira tem a impressão de que ouve um português igual ao falado em Portugal. No entanto, há muitas diferenças entre o português falado na ilha e o falado no continente. Conheça algumas das palavras e expressões madeirenses:

- abelhinha**: automóvel, táxi
- à pata**: a pé
- canalha**: conjunto de crianças
- catchu**: bola de futebol
- fazer ramelas**: fazer inveja
- joeira**: papagaio, pipa
- menino**: pessoa inteligente, esperta
- penca**: nariz



Madeira, ilha da costa africana dominada pelos portugueses desde o século XV, onde se fala o português madeirense.

Oralidade e escrita

Em princípio, a língua oral é mais espontânea do que a língua escrita. Na língua oral são comuns, por exemplo, as repetições, as quebras na sequência de ideias, problemas de concordância e o uso de expressões de apoio, como **né?**, **tá?**, **entendeu?**, **hum...**, etc. Já a língua escrita é mais monitorada, pois temos condições de escolher bem as palavras, de corrigir o texto e melhorá-lo até transmitir exatamente o que desejamos.

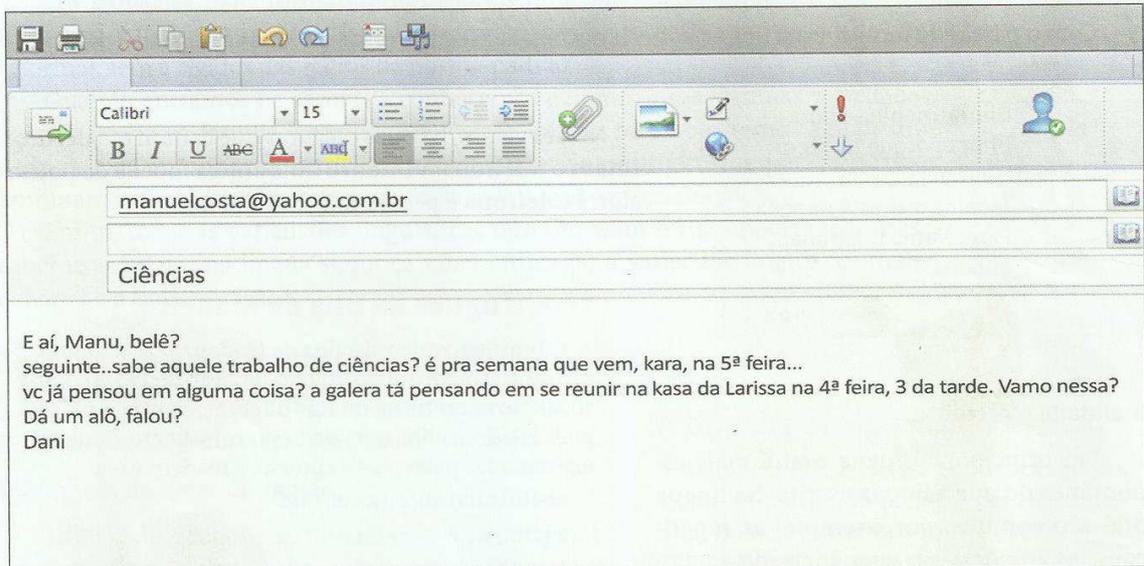
Contudo, essas diferenças entre oralidade e escrita têm diminuído bastante, principalmente nos dias de hoje. Primeiramente porque hoje a maior parte dos brasileiros sabe ler e escrever e, quanto mais uma pessoa lê, mais ela tende a empregar formas da língua escrita quando está falando em situações formais. Em segundo lugar porque, com o uso da Internet, as fronteiras entre o oral e o escrito têm se enfraquecido, já que os textos de *e-mails*, *orkut*, *twitter* e *facebook*, embora sejam escritos, aproximam-se bastante da fala.

Fonte: Cereja, W. R.; Magalhães, T. C. **Português: linguagens** – São Paulo: Saraiva, 2015, p. 43.

Figura 7 – Formalidade e informalidade

Formalidade e informalidade: graus de monitoramento

Às vezes, mesmo sem perceber, falamos em determinadas situações de modo diferente do habitual. Por exemplo, quando falamos em público; quando, em busca de emprego, somos entrevistados; quando conversamos com pessoas mais instruídas do que nós ou com pessoas que ocupam cargo ou posição elevada. Nessas situações, monitoramos mais o que dizemos, evitando gírias, expressões grosseiras e palavras ou expressões que demonstrem intimidade com o interlocutor, como **fofinha**, **safado**, **pra caramba**, **dia de cão**, **é um saco**, etc., e, por isso, nossa fala se aproxima mais da norma-padrão. Quando isso ocorre, dizemos que a língua apresenta maior grau de formalidade. Quando, entretanto, ela apresenta menor monitoramento, dizemos que a língua é informal. Veja, como exemplo, este e-mail:



A informalidade que se nota no e-mail se dá em vários níveis. A intimidade que há entre os interlocutores é revelada no emprego de palavras reduzidas, como **Manu**, **belê**, **pra**, **tá**; no uso de gíria, observada em **galera**; e na utilização de grafia própria de textos que circulam na Internet, ocorrida em **kara** e **kasa**.

A gíria

Você já deve ter reparado que alguns grupos sociais — por exemplo, o grupo dos estudantes, o dos jogadores de futebol, o dos policiais, o dos esquetistas, o dos funkeiros, o dos surfistas, etc. — usam na fala certas palavras e expressões que lhes são próprias. Esse tipo de variedade linguística é chamado de **gíria**. Normalmente criada por um grupo social ou profissional, a gíria, por sua expressividade, pode tanto desaparecer rapidamente quanto se estender à linguagem de todas as camadas sociais.



Gírias antigas

Pergunte aos seus pais e a seus avós se eles chegaram a utilizar algumas destas gírias antigas:

- bafafá:** confusão
- bicho:** forma de tratamento
- boko-moko:** pessoa que não sabe se comportar
- carango:** carro
- chuchu beleza:** bom, bem-feito
- cri-cri:** chato
- nos trinquês:** ótimo, certo
- plá:** conversa
- prafrentex:** avançado
- tá ruço:** está ruim

Fonte: Kárin Fusaro. *Gírias de todas as tribos*. São Paulo: Panda, 2001. p. 120-3.

Fonte: Cereja, W. R.; Magalhães, T. C. **Português:** linguagens – São Paulo: Saraiva, 2015, p. 44.

Os autores apresentam de forma sucinta exemplos de variações ocasionadas pelo baixo grau de escolaridade. A seguir mostram que, no decorrer do tempo,

a língua sofre variações e citam exemplos de palavras que caíram em desuso. Em seguida, apresentam distinções entre oralidade e escrita, destacando que a língua oral é mais espontânea que a escrita, ou seja, nela pode haver quebras nos seguimentos de ideias, dificuldades de concordância, enquanto a língua escrita é mais controlada, uma vez que temos condições de eleger melhor as palavras. Apesar dos autores destacarem a ideia de que as diferenças entre oralidade e escrita vêm diminuindo ao longo do tempo, o aluno pode pensar através do que está proposto no livro, que a fala não tem lógica e é o lugar onde ocorre erro enquanto a escrita é estruturada.

Quanto à Figura 7, é mencionada a questão da formalidade e informalidade representada através de exemplos do cotidiano do aprendiz como a *internet*, e a informalidade presente em e-mail enviado a pessoas do nosso convívio. Devido à intimidade com os amigos ou familiares ficamos mais a vontade para falar palavras reduzidas como *vc*, no lugar de *você*. Depois é apresentado o conceito de gíria e alguns exemplos de gírias antigas conhecidas por nossos pais ou avós. Por um lado, é produtiva a ideia de trazer para o alunado algo de seu convívio como a *internet* para entender melhor o assunto, mas, por outro lado, pode não ser vantajosa a tentativa de impor a forma adequada de falar conforme a ocasião. Isso porque existem textos falados e escritos, mas diferentes entre si segundo o gênero a que pertencem e através das condições de construção e recepção em que estão implantados.

Consoante Bagno (2007), a variação linguística tem que ser vista como produto social e cultural, com a riqueza que simboliza e como indicadora do dinamismo da língua. Não é correto mostrar as formas variantes e depois sugerir atividade que provoque a negação da existência delas e o quanto elas são relevantes.

Notemos, nas figuras 8 e 9 a seguir, mais atividades relacionadas à variação linguística.

Figura 8 - Atividade 3: Comunicação visual

Leia o anúncio a seguir e responda às questões de 3 a 5.

FAROL **SINAL**

PAULISTANOS E CARIOCAS DE OLHO NO SEU ANÚNCIO.

Na hora de anunciar, converse logo com quem interessa. Anuncie nos cadernos especiais temáticos de Veja São Paulo e Veja Rio. A mídia que garante um público selecionado, com ambiente editorial qualificado e pontual. Programe-se para o ano todo. Fique de olho no calendário. Aproveite também a grande novidade: o conteúdo on-line está à disposição para você exibir o seu produto.

SÃO PAULO (11) 3037-5748 – RIO (21) 2546-8114 – OUTROS ESTADOS (11) 3037-5578
 www.midiakitveja.com.br – publicidade.veja@abril.com.br
 www.vejinha.com.br/tematicos – www.veja-rio.com.br/tematicos

3. A respeito do anúncio, responda:
- Quem é o anunciante? A empresa publicitária que faz a divulgação das revistas *Veja São Paulo* e *Veja Rio*.
 - Quem são os destinatários do texto? São empresas ou pessoas que têm interesse de anunciar algum produto ou serviço para o público dessas capitais.
 - Qual é a finalidade do anúncio? Estimular empresas ou pessoas a anunciar nas revistas *Veja São Paulo* e *Veja Rio*.
4. Na parte de baixo do anúncio, em letras menores, lê-se: “Na hora de anunciar, converse logo com quem interessa. Anuncie nos cadernos especiais temáticos de *Veja São Paulo* e *Veja Rio*”. Considerando o objetivo do anúncio, responda: Por que a imagem principal que se vê nele é a de um semáforo?
 O semáforo, por ser um elemento que todos olham no trânsito, reforça a ideia de que paulistanos e cariocas (portanto, o público de duas grandes cidades brasileiras) estarão de olho no anúncio a ser publicado.

Fonte: Cereja, W. R.; Magalhães, T. C. **Português: linguagens** – São Paulo: Saraiva, 2015, p. 46.

Figura 9 – Cartaz do Filme Cine Holliúdy

5. Observe que, de cada lado do semáforo, há uma palavra: **farol**, à esquerda, e **sinal**, à direita.
- Considerando a finalidade do anúncio, interprete: Por que o anunciante escolheu essas palavras e as dispôs dessa forma no texto?
 - Em sua cidade, que palavra é usada para designar semáforo?
Resposta pessoal.

Salve o pernambucô e o cearençê!

Conheça algumas das palavras e expressões usadas em Pernambuco e em outras cidades do Nordeste:

aperreio: preocupação, angústia

arenga: pequena briga

bicado: embriagado

bufento: desbotado

danou-se: expressão usada por alguém para indicar espanto ou anunciar que vai embora

fuleiro ou **peba**: fraco, sem valor, sem qualidade

liso: pobre ou em dificuldades financeiras

mangar: rir de alguém ou de algo

mói: grande quantidade

munganga: careta

oxe: expressão usada para indicar espanto

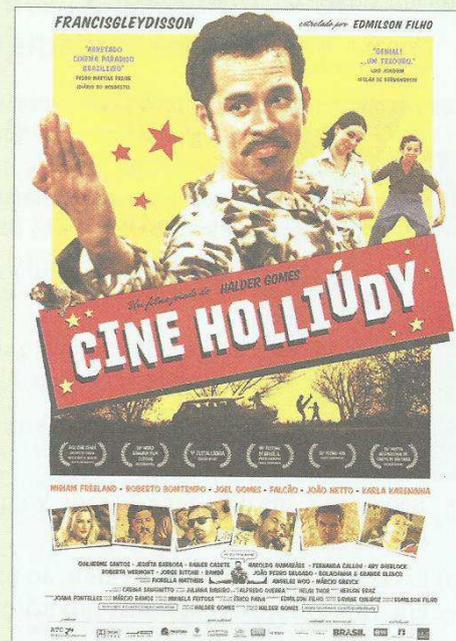
pantim: vergonha ou frescura

rabissaca: gesto de desdém, de dar as costas

renca: grupo de pessoas

virado na catita: alguém rápido

xexero: caloteiro, que não paga as contas



Cartaz do filme *Cine Holliúdy*, de Halder Gomes, o primeiro filme brasileiro falado em cearençês, com legendas em português.

5a. Porque essas palavras são variações utilizadas para designar semáforo. Uma (farol) é mais usada em São Paulo, e a outra (sinal) é mais usada no Rio de Janeiro. Dispondo-as uma de cada lado, o anunciante dá a entender que cada público requer uma mensagem e um veículo específicos, ou seja, no caso, *Veja São Paulo* e *Veja Rio*.

Fonte: Cereja, W. R.; Magalhães, T. C. **Português**: linguagens – São Paulo: Saraiva, 2015, p. 47.

Na Figura 8, vemos que, por meio do gênero textual anúncio publicitário, Cereja e Magalhães (2015) se dirigem aos paulistanos e cariocas, uma vez que empregam as palavras *farol* e *sinal* utilizados pelos habitantes das duas cidades. Logo adiante, há três questões a serem resolvidas pelos alunos. A questão 3 exige do estudante dados sobre o anúncio, bem como quem é o anunciante, os destinatários e qual a finalidade do anúncio. Na questão 4, é solicitada uma resposta pelo fato de a imagem principal do anúncio ser a de um semáforo.

Na alternativa 5, exposta na figura 9, os autores voltam o olhar sobre as duas palavras presentes no anúncio. Na opção a) questiona o motivo pelo qual o anunciante escolheu as palavras *farol* e *sinal* para expor no texto e, em seguida, na

letra b), espera-se que o aluno responda como a palavra semáforo é chamada em sua cidade. Notamos que, para o aluno responder à questão 5 da Figura 9, é preciso que o professor explique sobre as variações regionais, pois não há uma teoria presente no livro que fale sobre o modo de falar de cada região.

Abaixo da atividade tem um box com algumas expressões empregadas pelos nordestinos e que em outras regiões são chamadas de outra maneira. Ao lado das palavras do box, há um cartaz do filme *Cine Holliúdy* como sugestão para o público assistir. Os autores não trataram a questão do regionalismo de forma profunda, então cabe ao educador debater esse assunto com os alunos para não gerar confusão sobre qual palavra está adequada no anúncio.

Sabemos que a língua não define apenas a que comunidade o indivíduo pertence, mas também consegue determiná-la. A preferência lexical praticada pelo falante não é estabelecida somente pelo período em que vive, mas também por toda a bagagem obtida no decorrer de suas práticas sociais e culturais. As expressões *farol* e *senal* são exemplos de variação regional, ou seja, um mesmo objeto pode ser nomeado por várias palavras, conforme a região. Os alunos necessitam tomar conhecimento de que mais de uma palavra pode se referir ao mesmo elemento.

Vejamos que a Figura 10 traz uma anedota para ser trabalhada com os alunos.

Figura 10 - Atividade 4: As variedades linguísticas na construção do texto

AS VARIEDADES LINGUÍSTICAS NA CONSTRUÇÃO DO TEXTO

Leia esta anedota:

O gerente de vendas recebeu o seguinte fax de um dos seus novos vendedores: 'Seo Gomis o criente de Belzonte pediu mais quatrocenta pessa. Faz favor toma as providência, Abrasso, Nirso.' Aproximadamente uma hora depois, recebeu outro: 'Seo Gomis, os relatório di venda vai xega atrasado proque to fexando umas venda. Temo que manda treis miu pessa. Amanhã tó xegando. Abrasso, Nirso.' No dia seguinte: 'Seo Gomis, num xeguei pucausa de que vendi maiz deis miu em Beraba. To indo pra Brazilha. Abrasso, Nirso.' No outro: 'Seo Gomis, Brazilha fexo 20 miu. Vo pra Frolinoplis e de lá pra Sum Paulo no vinhão das cete hora. Abrasso, Nirso.' E assim foi o mês inteiro. O gerente, muito preocupado com a imagem da empresa, levou ao presidente as mensagens que recebeu do vendedor. O presidente, um homem muito preocupado com o desenvolvimento da empresa e com a cultura dos funcionários, escutou atentamente o gerente e disse: — Deixa comigo, que eu tomarei as providências necessárias. E tomou. Redigiu de próprio punho um aviso e afixou no mural da empresa, juntamente com as mensagens de fax do vendedor: 'A parti de oje nois tudo vamo fazê feito o Nirso. Si priocupá menos em iscrevê serto, mod vendê maiz. Acinado, O Prizidenti!'



(Disponível em: <http://m.piadasnet.com/?url=http%3A%2F%2Fwww.piadasnet.com%2Fpiadas-de-caipiras.htm#2776>. Acesso em: 15/07/2013.)

Fonte: Cereja, W. R.; Magalhães, T. C. **Português: linguagens** – São Paulo: Saraiva, 2015, p. 47-48.

Na Figura 10 vemos uma anedota acompanhada de uma imagem com um balão mostrando o que está escrito no cartaz: *'A parti de oje nois tudo vamo fazê feito o Nirso. Si priocupá menos em iscrevê serto, mod vende maiz. Acinado, O Prizidenti!'*.

É possível notar que o gerente ficou aflito com a possibilidade dessa linguagem usada pelo funcionário prejudicar a imagem da empresa pelo fato de ele falar diferente de outros funcionários, mas nem por esse motivo ele deixou de obter grandes resultados para a empresa. Então, como forma de solucionar o problema, o gerente foi conversar com o presidente que pediu para todos os funcionários não se preocuparem mais em escrever "correto", bastava apenas escrever do mesmo jeito que Nirso.

Figura 11 – Questões da Atividade 4

- 1c. Sr. Gomes, o cliente de Belo Horizonte pediu mais quatrocentas peças. Favor tomar as providências necessárias. Abraço, Nilson.
 Sr. Gomes, os relatórios de venda vão chegar atrasados porque estou fechando umas vendas. Temos que mandar três mil peças. Amanhã estou chegando. Abraço, Nilson.
 Sr. Gomes, não cheguei porque vendi mais dez mil peças em Uberaba. Estou indo para Brasília. Abraço, Nilson.
 Sr. Gomes, Brasília fechou 20 mil. Vou para Florianópolis e de lá para São Paulo no avião das sete horas. Abraço, Nilson.
1. Releia as mensagens passadas por fax pelo novo funcionário:
- 'Seo Gomis o ciente de Belzonte pediu mais quatrocenta pessa. Faz favor toma as providenssa, Abras-so, Nirso.'
 - 'Seo Gomis, os relatório di venda vai xega atrasado proque to fexando umas venda. Temo que manda treis miu pessa. Amanhã tô xegando. Abrasso, Nirso.'
 - 'Seo Gomis, num xeguei pucausa de que vendi maiz deis miu em Beraba. To indo pra Brazilha. Abras-so, Nirso.'
 - 'Seo Gomis, Brazilha fexo 20 miu. Vo pra Frolinoplis e de lá pra Sum Paulo no vinhão das cete hora. Abrasso, Nirso.'
- a) Essas mensagens correspondem ao padrão de linguagem que se espera na comunicação interna, em uma empresa, entre um subordinado e seu superior? Se não, o que foge a esse padrão?
Não. Elas fogem ao padrão quanto à ortografia e à concordância.
- b) A escrita do novo funcionário não segue regras gramaticais ou segue regras diferentes das da norma-padrão? Justifique sua resposta.
Ela segue a lógica da variedade falada pelo funcionário, ou seja, ele escreve tal como fala, e sua fala corresponde a uma variedade não prestigiada do português.
- c) Caso alguém fizesse uma revisão no texto das mensagens do funcionário a fim de adequá-las à norma-padrão, como elas ficariam? Escolha uma das mensagens e faça as alterações que julgar necessárias para isso.
2. O gerente ficou preocupado com a imagem da empresa ao ler as mensagens e, por isso, levou-as até o presidente. Levante hipóteses:
- a) Por que o gerente ficou preocupado?
Porque ele acreditava que uma escrita e possivelmente uma fala que fogem às regras da norma-padrão podiam transmitir uma imagem negativa da empresa aos clientes.
- b) Levando-se em conta as vendas realizadas pelo funcionário, a preocupação do gerente se justificava?
Não, pois mesmo não dominando a norma-padrão, o funcionário estava sendo eficiente como vendedor.
3. O presidente, após a conversa com o gerente, disse que tomaria "as providências necessárias". Quais providências eram provavelmente as esperadas pelo gerente?
Que ele dispensasse o funcionário, ou que chamasse a atenção dele, exigindo que mudasse a escrita de suas mensagens.
4. O humor do texto é construído com base na quebra da expectativa do leitor quanto à atitude do presidente. Qual é essa quebra de expectativa?
O presidente não puniu o funcionário, como era esperado, e ainda o tomou como modelo para toda a empresa.
5. Nas piadas, o efeito do humor geralmente é obtido por meio da exploração de crenças e preconceitos. No caso da anedota lida, qual é essa crença e/ou preconceito?
A crença de que conhecer a norma-padrão é requisito indispensável para uma pessoa ser bem-sucedida em qualquer atividade profissional, o que não é verdadeiro, conforme mostra a anedota.
6. Na sua opinião, o procedimento do presidente foi correto? Justifique sua resposta.
Resposta pessoal. Professor: chame a atenção dos alunos para o preconceito e a intolerância que, em geral, há em relação às variedades que se distanciam da norma-padrão. Para obter efeito de humor, a piada explora extremos. Por seguir regras menos flexíveis que a fala, a escrita, em princípio, está mais próxima da norma-padrão. Mas é importante os alunos perceberem a atitude preconceituosa, baseada no senso comum, manifestada pelo gerente de vendas, na piada lida.

Fonte: Cereja, W. R.; Magalhães, T. C. **Português: linguagens** – São Paulo: Saraiva, 2015, p. 48.

Ao terminar a anedota, percebemos na Figura 11, uma atividade relacionada ao texto. Na (alternativa 1) é apresentada as mensagens enviadas por Nirso para o gerente da empresa. Na letra a) espera-se que o estudante diga se essas mensagens correspondem ao padrão de linguagem esperado em uma comunicação interna numa empresa, entre um subordinado e seu superior e que elemento foge a

esse padrão. A resposta esperada é que não diz respeito ao padrão esperado pela empresa e que as mensagens enviadas pelo funcionário fogem do padrão quanto à ortografia e à concordância. A letra b) questiona o aprendiz sobre a escrita do funcionário se segue as regras gramaticais ou não. Enquanto na letra c), é sugerido que o aprendiz escolha uma das mensagens escritas por Nirso e a transcreva para a norma-padrão.

Posteriormente, na segunda questão, o aluno é levado a responder o motivo pelo qual o gerente ficou preocupado e se a sua preocupação quanto ao funcionário se justificava. Já na pergunta de número 6, os autores pedem a opinião do estudante se o posicionamento do presidente foi correto ou não. Somente nessa questão Cereja e Magalhães orientam o professor a chamar a atenção do alunado a respeito do preconceito linguístico e compreenderem o comportamento preconceituoso do gerente relacionado às mensagens recebidas.

Quanto a essa atividade, podemos identificar que os autores solicitam, na questão 1, que o aluno repasse umas das mensagens para a norma-padrão. A respeito disso, Bagno (2007) afirma que não é tão viável sugerir a transcrição para a norma padrão. Parece correção que, no primeiro momento seja apresentada a diferença existente nos falares e logo em seguida já seja solicitado uma reescrita. Dessa forma o que prevalece é a visão da gramática normativa. O que se pretende apresentar é que a norma-padrão é significativa durante a prática de ensino de língua vernácula, mas não pode ser seguida de determinado preconceito, não deve ser entendida pelos alunos como a noção de que certa variedade é “errada” e outra é “certa”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da existência da variação linguística representar a identidade de uma sociedade, há a predominância do preconceito linguístico que limita e afasta classes sociais, e ocorre naturalmente no falar de todo e qualquer sujeito. Esta é uma razão porque este tema deve ser contemplado na sala de aula, independentemente de constarem nos LDs.

A pesquisa constatou que o LD de Língua Portuguesa *Português Linguagens* dos autores William Cereja e Thereza Cochar do 6^o ano do Ensino Fundamental trata do tema da variação linguística em apenas um capítulo dentre doze que o compõe. O que significa dizer que dentre as quatro unidades somente uma contempla uma temática tão presente em nosso cotidiano.

Diante da análise, refletimos que não podemos nos apoiar exclusivamente no LD, pois o mesmo não contempla temas de maneira profunda. A atividade que inicia o tema variação linguística apresenta de certa forma a ideia de ‘erro’ e ‘acerto’. No decorrer da exploração do tema, o conhecimento prévio do aluno não é explorado pela ferramenta de ensino, o que ocasiona muitas vezes a ausência de posicionamentos dos estudantes diante de situações corriqueiras na sociedade, embora a variação linguística permeie nosso cotidiano. A análise nos possibilitou notar que a norma padrão prevalece durante a prática frequente de ensino. Nesse sentido, o aprendiz é induzido a tomar gosto somente pelo uso das regras e possivelmente descartando palavras que não se encaixam nessa norma.

Ressaltamos que esta pesquisa respondeu ao questionamento proposto inicialmente e, portanto, atingiu os objetivos desejados, uma vez que pudemos constatar que o LD não vai suprir todas as temáticas fundamentais para a formação do indivíduo. A variação linguística se faz presente no instrumento, porém a ferramenta não consegue abranger todas as informações destinadas aos leitores.

Ampliamos nossa compreensão sobre o tema, pois tivemos a oportunidade de analisar e encontrar problemas que se fazem presentes no material destinado ao ensino. O LD trabalha o tema em apenas um capítulo, quando esse mesmo assunto poderia estar sendo lembrado no decorrer dos demais capítulos.

A metodologia empregada foi satisfatória para a concretização da pesquisa, uma vez que nos forneceu caminhos pertinentes que auxiliaram na realização do

trabalho. É por intermédio da metodologia que sistematizamos o percurso a ser seguido e chegamos aos resultados esperados ou não.

A bibliografia foi suficiente e adequada para o estudo e correspondeu as expectativas, pois nos baseamos em estudiosos que trabalham o conteúdo explorado e a partir daí construímos conceitos e opiniões fundamentados em fontes de orientações.

O LD, conforme observamos, não é suficiente para a aprendizagem qualificada do estudante. Isso ocorre porque esse material de ensino pode falhar e não abordar tudo que é pertinente sobre o assunto desejado. Nesse sentido, o professor de língua portuguesa do Ensino Fundamental precisa remanejar o currículo e suas estratégias pedagógicas para além do LD, pois dessa forma ele vai aprimorar e construir os conhecimentos essenciais para que o aluno se destaque em sua posição social. É necessário perceber que o livro didático não é a única ferramenta norteadora de ensino, há outros instrumentos a serem explorados.

Por fim, salientamos que este debate não se encontra encerrado. A temática debatida é extensa e diante dos resultados obtidos na pesquisa podem ser levantados novos estudos, questionamentos, ou seja, à medida que debatemos sobre variação linguística, novos olhares são despertados. Outrossim, o que esperamos é poder, com este trabalho, contribuir para uma visão mais alargada sobre a variação linguística, bem como sobre o LD como ferramenta da prática docente tanto do professor em formação quanto do profissional que já atua em sala de aula.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, E. B. C. **O discurso dos professores sobre a utilização do LD: O que eles afirmam/negam em relação a este material?** Recife, 2002.
- ANTUNES, I. **Língua, Texto e Ensino: outra escola possível.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- ALKMIM, T. M. **Sociolinguística: parte I.** In: Ana Christina Bentes (Org.). Introdução a linguística: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001.
- BAGNO, M. **A língua de Eulália: novela sociolinguística.** 6. ed. São Paulo: Contexto, 2000.
- _____. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- _____. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz.** São Paulo: Edições Loyola, 2009.
- BITTENCOURT, C. M. F. **Livro didático e conhecimento histórico: Uma história do saber escolar.** 1993. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Processos interativos em sala de aula e a pedagogia culturalmente sensível.** Polifonia. Cuiabá: EDUFMT. n.7. 2003.
- _____. **Manual de sociolinguística.** São Paulo: Editora Contexto, 2014.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa – Brasília,** 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa.** Brasília, DF: MEC, 1998.
- CAMARA JR. J. M. **Estrutura da língua portuguesa.** 34 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- CEREJA, W. R. MAGALHAES, T. C. **Português: linguagens.** 6 - 9. ed – São Paulo: Saraiva, 2015.
- COELHO, I. **Sociolinguística – Florianópolis: LLV/CCE/UFSC,** 2010.
- DIAS, J. F. V. **A concordância de Número nos Predicativos e nos Participios Passivos na fala da região Sul: um estudo variacionista.** Florianópolis. Dissertação de Mestrado, 1996.
- FARACO. C. A. **Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas.** São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FRAZÃO, É. E.V. **Quem é o “povo brasileiro” que habita os Didáticos de História?** Um estudo a partir do campo do currículo. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós Graduação em Educação: Rio de Janeiro, 2014.

FREITAG, B.; COSTA, W. F. da; e MOTTA, V. **O livro didático em questão.** Cortez: autores associados, São Paulo, 1989.

FREITAS, O. **Equipamentos e materiais didáticos.** Brasília: Universidade de Brasília, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/profunc/equip_mat_dit.pdf>. Acesso em: 20 set. 2017.

GERALDI, J. W. Concepções de linguagem e ensino de português. In: GERALDI et al. (org.). **O texto na sala de aula.** São Paulo: Ática, 2002.

_____. **Linguagem e ensino:** exercícios de militância e divulgação. Campinas: ALB/ Mercado de Letras, 1996.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos.** Trad. Marcos Bagno, Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Editora Parábola, 2008 [1972].

LAJOLO, M. **Livro didático:** um (quase) manual de usuário. Em Aberto, Brasília, n. 69, v. 16, jan./mar. 1996.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação.** Programas. Livro Didático – PNLD. Disponível em <http://www.fnde.gov/programas/pnld.htm>. Acesso em: 20 set. 2017.

RIBEIRO, B. T.; P. M. GARCEZ (Orgs.). **Sociolinguística Interacional.** 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2002.

SANTOS, Leonor Wernek dos. O ensino de língua portuguesa e os PCN. In: PAULIUKONIS, Mari Aparecida Lino; GAVAZZI, Sigrid. **Da língua ao discurso:** reflexões para o ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa Sociolinguística.** São Paulo: Ática, 2000.